



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

ISABELLY DE MARIA RÊGO LOURENÇO

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO:

Relação entre Práticas Museológicas e a memória humana

Brasília, DF
2024

ISABELLY DE MARIA RÊGO LOURENÇO

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO:

Relação entre Práticas Museológicas e a memória humana

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Museologia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia de Abreu Gomes

Brasília, DF
2024

LL892m Lourenço, Isabelly de Maria Rêgo.
Memória e Esquecimento: relação entre práticas
museológicas e a memória humana / Isabelly de Maria Rêgo
Lourenço; orientador Ana Lúcia de Abreu Gomes. -- Brasília,
2024.
64 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de
Brasília, 2024.

1. museus. 2. memória humana.
3. literatura. 4. esquecimento. I
Gomes, Ana Lúcia de Abreu , orient. II. Memória e Esquecimento:
relação entre práticas museológicas e a memória humana. III.
Faculdade de Ciência da Informação.IV. Universidade de Brasília(UnB).

ISABELLY DE MARIA REGO LOURENÇO

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO:

Relação entre Práticas Museológicas e a memória humana

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília - UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado por:

**Ana Lucia de Abreu
Gomes**

Doutora em História
Cultural pela
Universidade de
Brasília (UnB)

**Luciana Magalhães
Portela**

Doutora em
Antropologia Social pela
Universidade de Brasília
(UnB)

**Jamenson Araujo de
Freitas**

Mestre em Ciência da
Informação pela
Universidade de Brasília
(UnB)



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 28/08/2024, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Magalhães Portela, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 29/08/2024, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Jamenson Araujo registrado(a) civilmente como Jamenson Araujo de Freitas, Usuário Externo**, em 22/01/2025, às 20:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **11625993** e o código CRC **B078DF2F**.

Referência: Processo nº 23106.077540/2024-84

SEI nº 11625993

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, , Brasília/DF, CEP 70910-900
Telefone: e Fax: @fax_unidade@ - <http://www.unb.br>

Aos meus pais e irmãos,obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS

Não vejo forma melhor de iniciar esta parte do TCC do que começando a agradecer primeiro, e principalmente, a Deus (pai, filho e Espírito Santo). Eu não estaria nesse exato momento aqui se não fosse por ele, o senhor da minha vida inteira e com certeza o responsável por cada detalhe do meu passado, presente e futuro. Em sequência, agradeço a Virgem Maria, rainha dos anjos e dos santos, que me guiou debaixo do seu manto sagrado pela minha vida inteira, auxiliando nessa jornada até aqui.

Obviamente, não posso deixar de agradecer ao pilar essencial da minha vida e a quem dediquei (e sempre dedicarei minhas conquistas) o TCC: minha mãe, pai e irmãos, espero que eu tenha trazido orgulho a todos vocês. Também agradeço a todos os meus amigos, pois como é comumente falado, “diga-me com quem tu andas que direi quem tu és¹”. Se eu sou quem sou agora, é por conta também de vocês (agradeço as memórias coletivas que formei com cada um).

Por fim, mas não menos importante (muito pelo contrário), agradeço a todos os meus professores, não apenas do curso de Museologia, mas também de toda a trajetória como aluna. O ser humano é um constante aprendiz, e por conta de vocês eu tive contato aos mais vastos aprendizados e ensinamentos, dinheiro nenhum no mundo pode superar o valor desse conhecimento.

A todos vocês, meus mais sinceros e genuínos agradecimentos, vocês não sabem a importância que foram para a construção dessa longa narrativa que eu chamo de vida.

¹ Não há ainda um consenso de quem seria o autor do ditado popular, mas alguns nomes comumente citados para a possível origem vão da própria bíblia, Miguel de Cervantes ou até mesmo do escritor alemão Johann Goethe.

“Fazei isto em memória de mim.”

Lucas 22,19-20

RESUMO

Esta monografia apresenta a temática da seletividade da memória humana e sua relação com o esquecimento dentro do universo da Museologia, especificamente sua relação com a trajetória de práticas museais. Conceitua o assunto associando as referências bibliográficas e documentais levantadas com aspectos literários presente na obra ficcional “O Doador de Memórias” (2014), da autora Lois Lowry. A análise relacional mostrou que dentro das estruturas literárias da obra, foi possível interligar a figura do personagem “Doador” com as Instituições/Centros de Memória da vida real, devido a sua constante atuação no meio educacional e fonte de conhecimento. Conclui-se que é primordial os museus criarem uma consciência crítica sobre a forma como a memória humana é gerida na construção das narrativas históricas e no processo de seleção de memórias coletivas que serão integradas às narrativas oficiais.

Palavras-chave: museus; memória humana; literatura; esquecimento.

RESUMEN

Esta monografía presenta la temática de selectividad de memoria humana y su relación con el olvido dentro del universo de la museología, específicamente de su relación con la trayectoria de prácticas museales. Conceptúa el asunto relacionado a las referencias bibliográficas y documentos levantados con aspectos literarios presentes en la obra ficcional “El Donador de Memorias” (2014), de la autora Lois Lowry. El análisis relacional mostró que dentro de las estructuras literarias de la obra, fue posible interligar la figura del personaje “Donador” con las instituciones/centros de memoria de la vida real, debido a su frecuente actuación en el área educacional y fuente de conocimiento. Es posible concluir que es esencial que los museos creen una conciencia crítica sobre la forma como la memoria humana es administrada en la construcción de narrativas históricas y en el proceso de selección de memorias colectivas que serán integradas a las narrativas oficiales.

Palabras-clave: Museos; memoria humana; literatura; olvido.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

UnB	Universidade de Brasília
PAS	Programa de Avaliação Seriada
MPM	Museologia, Patrimônio e Memória
CRD	Conservação e Restauração de Documentos
INFODOC	Informação e Documentação Museológica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho internacional dos museus

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2.MEMÓRIA E LITERATURA	19
2.1.CONTEXTUALIZAÇÃO DO LIVRO BASE	19
3.APROFUNDANDO A RELAÇÃO ENTRE ESQUECIMENTO E MEMÓRIA	27
4.A NATUREZA DAS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS	30
4.1.Os dois cenários	32
5.O DOADOR DE MEMÓRIAS	38
5.1.A TRAJETÓRIA DE JONAS E O ESQUECIMENTO	38
5.1.1.Evidentemente ele será dispensado	39
5.1.2.As atribuições eram escrupulosamente ponderadas pelo Comitê dos Anciãos	41
5.1.3.A partir desse momento você está proibido de relatar seus sonhos	46
5.1.4.Elas nos dão sabedoria	50
6.CONCLUSÃO	55
7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

1**INTRODUÇÃO****1.1 Memorial**

Meu nome é Isabelly de Maria Rêgo Lourenço e tenho atualmente vinte e dois anos. Nasci dia 12 de julho de 2002 em Brasília. Sou a segunda filha de quatro irmãos, moro com a minha família em Sobradinho e estudo na Universidade de Brasília (UnB) desde o final do ano de 2020. Minha trajetória com a Museologia se iniciou especificamente semanas antes da inscrição para a terceira prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS).

Desde pequena, eu sempre me interessei pela história da humanidade, mas com um foco principal nos processos culturais dos diversos povos que existem e existiram em todo planeta Terra. A disciplina de história sempre foi minha matéria favorita na escola, fortalecendo-se com o tempo por eu ter tido cada vez mais acesso a programas da Televisão voltados para o estudo de povos antigos, como os egípcios, astecas e nórdicos. Devido a isso, por muitos anos eu me imaginava trabalhando com as “marcas” do passado, isso é, todos registros concretos das diversas culturas humanas que futuramente eu os conheci como os acervos tão citados pelo mundo da Museologia.

Eu não tinha, no começo, a pretensão de seguir o caminho acadêmico da Museologia, por ter um foco muito maior em outra área do conhecimento, em especial no final do meu ensino médio. Na época, eu tinha interesse em cursar História ou Antropologia, que eram os cursos com mais pontos de interesse para mim e com maior probabilidade de serem os ideais para meu futuro profissional, já que oficialmente meu desejo acadêmico voltado para o curso de Arqueologia não era possível, por ser indisponível na UnB.

Falando brevemente o motivo de porque a História e a Antropologia eram opções mais óbvias, e qual sua relação com minha trajetória com a Museologia, direi os pontos de interesse que cada um me oferecia como estudante. A História sempre me tinha encantado desde pequena, além de permitir um aprofundamento da trajetória da humanidade na terra em suas diversas facetas. Já a Antropologia tinha esse viés voltado para o estudo da cultura dos povos que talvez o

curso de História não poderia oferecer. Tempos depois percebi que a Museologia possibilita a união de cada um desses pontos de interesse.

Como citado anteriormente, minha trajetória com o universo da Museologia se iniciou na escolha final do PAS, quando eu conheci uma das veteranas do curso na época, 2019, por uma amiga em comum. Fui apresentada a um resumo daquilo que poderia encontrar no curso, e como eu estava indecisa sobre meu caminho, optei por tentar cursá-lo, mesmo não tendo a completa certeza do que encontraria.

Logo no início eu fui atraída para esse mundo de conhecimento, onde fui apresentada aos textos como “O museu e a Vida”, de Danièle Giraudy e Henri Bouilhet, que mostram justamente a importância e a carga cultural existente dentro dos museus, desconhecida muitas vezes pela sociedade que vê o museu apenas na superfície das exposições e eventos artísticos. Também tive contato com os textos “O colecionismo ilustrado na gênese dos museus contemporâneos”, de Cícero Almeida, ou até mesmo “O Brasil vai a Paris: um lugar na Exposição Universal”, de Heloisa Barbuy. Contudo, mesmo tendo acesso a milhares de outras obras sobre a Museologia, meu envolvimento com o universo intelectual só se intensificou a partir do quinto semestre, quando fui introduzida nas áreas de patrimônio, memória e documentação museológica, áreas não exploradas de forma profunda até então por haver um foco nas áreas educacionais e sociais da Museologia e dos Museus.

As matérias que eu mais me interessei ao longo dos semestres foram História da Arte no Brasil, Introdução à Antropologia, Introdução à Museologia, responsável por permitir meu acesso aos textos citados anteriormente, Informação e Documentação Museológica (INFODOC); Museologia, Patrimônio e Memória (MPM) e, por fim, Conservação e Restauração de Documentos (CRD). Todas essas matérias me auxiliaram a entender muito mais o mundo do patrimônio e da memória segundo a perspectiva museológica, resultando no futuro na minha escolha de trabalhar justamente estes dois tópicos (memória e patrimônio) no meu trabalho de conclusão de curso.

No estudo da memória apresentada na matéria de MPM, foi possível entender a importância da memória coletiva e individual e a seletividade que a

envolve em todos os momentos da trajetória humana. Já o patrimônio, aprofundado em CRD, foi mostrado continuamente como um objeto resultante de um processo histórico-cultural, que tem um valor para humanidade, pelo simbolismo que ele carrega. Esse simbolismo se relaciona fortemente com as construções de memória. Toda essa trajetória acadêmica me guiou até o tempo presente, em que eu iniciarei a concretização do meu processo de escrita sobre a relação da memória e do patrimônio museológico com o cinema e, sobretudo, a Literatura.

1.2 Apresentação

Este Trabalho de Conclusão de Curso se baseia na obra literária “O Doador de Memórias”, da escritora Lois Lowry, relacionando-o com as discussões acadêmicas da Museologia sobre a memória humana e o processo de seleção de memórias e o esquecimento de fatos históricos nos processos museais. Esse projeto se originou da busca pela análise de problemáticas da área do conhecimento da Museologia por meio de veículos da cultura popular, como filmes, livros ou obras artísticas em geral. A partir do contato que tive com as obras de Halbwachs e Pollak, no final do ano de 2022, busquei livros e/ou produções cinematográficas que retratam a temática da memória por meio de uma narrativa distópica. Essa escolha foi devido a procura por obras que retratassem as reflexões apresentadas por esses intelectuais, porém segundo uma narrativa alegórica e com viés surrealista.

Importante salientar que a escolha pela temática da memória coletiva — e seu esquecimento — foi instigada essencialmente pelo contato com a matéria de MPM, em que foi apresentado pela primeira vez, uma vertente do universo da ciência da informação que se ligasse mais ao entendimento do ser humano na sociedade do ponto de vista da “psicologia”. Obviamente, obras que falassem sobre memória não tinham sido minha primeira escolha de tema, tanto do trabalho de conclusão de curso(TCC) quanto dos livros que eu ia analisar. Como eu procurava trazer um projeto que envolvesse a literatura, havia uma tendência pelos temas mostrados em filmes como “Indiana Jones”, que falavam mais sobre o patrimônio em si. Foi apenas com meu contato nas aulas de MPM, e meu claro interesse pela interdisciplinaridade da Psicologia com a Museologia, que guiou meu projeto final para o trabalho atual.

Este processo resultou no livro de utopia futurista de Lois Lowry —

com uma adaptação cinematográfica de mesmo nome, em 2014, e que será utilizada para as reflexões expostas — em que a humanidade se vê morando em uma estrutura social totalmente regrada e pacífica, em que lembranças, emoções e relações sociais são controladas por um sistema pragmático e autoritário. O ponto principal da obra é justamente a presença do Doador de Memórias, que seria um “profissional” especial porque teria a responsabilidade de reter todas as memórias do passado que foram apagadas do resto das pessoas. É por meio dessa figura principal que meu trabalho será desenvolvido, trazendo perspectivas acadêmicas sobre a construção das narrativas históricas nos centros de memória e/ou a escolha do esquecimento de quaisquer fatos.

Neste sentido, destacamos que a pergunta de pesquisa que norteou este trabalho trata da relação entre memória e esquecimento na dinâmica do desenvolvimento de práticas museológicas.

1.3 Objetivos gerais

Relacionar a seletividade da memória humana e o esquecimento com a trajetória de práticas museológicas².

1.4 Objetivos específicos

1. – Conceituar o processo de seleção da memória e sua relação com o esquecimento;
2. – Associar o tema escolhido com aspectos da Museologia e dos Museus sobre memória;

1.5 Justificativa

A pesquisa sobre a relação entre a obra de Lois Lowry com a memória museológica teve aderência com o eixo curricular da “Museologia e Patrimônio cultural”, por focar principalmente na relação da memória apresentada na narrativa escolhida juntamente com a visão da Museologia sobre este tema na perspectiva da seletividade no decorrer da história humana, apresentando o peso da seletividade na construção da memória coletiva nas sociedades. Não

² Para este trabalho, entende-se “práticas museológicas” as ações e os procedimentos que são realizados dentro de um museu/centro de memória no cuidado, manuseio e gestão de todos os objetos com valor histórico, cultural e/ou artístico que se tornam acervo museológico/patrimônio e que já fazem parte da instituição.

necessariamente será mostrado um foco significativo na parte do patrimônio em si, mas os conceitos de memória e esquecimento fundamentaram os debates sobre a própria memória dos objetos museológicos presentes nos museus e centros culturais.

Na obra de Lois Lowry, é mostrado um futuro distópico onde a memória coletiva do passado da humanidade é apagada após uma guerra mundial. Seja na adaptação cinematográfica ou no livro, a seletividade da memória se mostra impactante não apenas na visão das pessoas sobre o motivo da comunidade ser organizada e norteada segundo as regras sociais apresentadas, mas também sobre fatos como a guerra, morte, família, cultura e diversidade, já que há uma construção social em que todos são submetidos a uma realidade ilusória e superficial. Essa construção social impacta até mesmo um fato, descrito por Michael Pollak, em sua obra “Memória, esquecimento, silêncio”, em que a ausência de questionamentos — da própria sociedade — sobre a realidade presente no livro é possivelmente gerada pela necessidade de pertencimento dos cidadãos, já que

Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais (POLLAK, 1989, p.1)

Dessa forma, semelhante a muitas outras obras do gênero distopia, o doador de memória transforma muitos conceitos vistos nas obras acadêmicas da Museologia em cenários hipotéticos e ficcionais, que mesmo aparentando um distanciamento da “vida real”, conduzem o leitor em uma narrativa cheia de significado e que acaba criando um paralelo com a realidade, de forma alegórica.

Esse fato diante da percepção que a própria Museologia traz sobre a influência da seleção da memória viva nos processos museais de instituições culturais e em como as narrativas escolhidas por esses locais de memória impactam a forma como a própria sociedade enxerga ou não determinados acontecimentos, expõe a relevância da literatura, em especial da obra escolhida, no processo de esclarecimento e entendimento sobre os fenômenos de esquecimento/apagamento e criação das memórias coletivas e individuais,

analisados por intelectuais como Michael Pollak citado anteriormente e Maurice Halbwachs. Sendo assim, um meio de absorção de informação em um formato acessível para qualquer público e de fácil compreensão.

Uma prova desse dado é que ao se ler o conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges, a narrativa poética exprime facilmente o peso das reflexões do protagonista sobre uma pessoa de seu passado, Funes, que o marcou de tal modo que criou uma imagem de alguém que se lembra de tudo. Em um formato narrativo distinto, necessitaria de uma construção de justificativa mais elaborada e complexa para assim alcançar a clareza que a literatura transmitiu neste conto em poucas palavras.

1.6 Uma breve explicação de porque os livros se tornaram o foco do trabalho

Após essa breve introdução sobre o conteúdo geral do “corpo do texto” que comporá este documento e os objetivos de sua criação, trago também uma outra parte essencial do meu trabalho: sua relação com a literatura. Mais a frente será retomado essa reflexão focando no livro de Lois Lowry, mas por hora trago a vocês questionamentos sobre a literatura como base de conhecimento para formação de ideias, especialmente se tratando da temática da memória. Para isso, irei analisar conceitos propostos por Ria Lemaire em seu texto introdutório “O mundo feito de texto”, da obra “Pelas Margens” (2000), organizado por ela juntamente com Edgar Salvadori de Decca.

– História e literatura

Ria Lemaire explica que o discurso entre a relação da história com a literatura se explicam a partir de dois níveis. O primeiro seria

O que estabelece distinção entre, de um lado, o passado real, concreto – a passeidade – e, do outro, a historiografia, ou seja, a narrativa feita dele, ou o discurso construído pelo historiógrafo/ historiador a partir dessa passeidade, a narração dela, a sua recriação sob a forma de uma versão plausível. (LEMAIRE, 2000, p.10)

Entre outras palavras, o primeiro nível é a distinção entre a forma como o passado é retratado pelos historiadores, nesse processo de transformar a

memória viva em história, de moldar os fatos em seu estado mais fidedigno possível para um formato documentado e traçado de acordo com o ponto de vista que foi escolhido para ser assim narrado ao mundo. Essa relação se mostra essencial ao pensarmos que a construção da história sempre necessitou de uma seleção de fatos — como já debatido anteriormente — e muitas vezes uma seleção tendenciosa e que oculta detalhes de um momento específico, criando uma narrativa às vezes distante do que realmente aconteceu. O outro nível é o entendimento de que os fatos recuperados pelo historiador já não são o passado em sua essência mais pura, e sim um vislumbre do que foi, uma representação³. Essa relação dos dois níveis cria a dicotomia da ficção com a realidade, e assim a inserção da literatura como uma forma de representação da realidade a partir da procura por descrições e construções de narrativas de forma plausível.

A história tenta ao máximo expor determinado fato histórico, baseando-se em dados e documentos coletados e escolhidos, de jeitos muitas vezes limitados a termos científicos e construções narrativas mais “acadêmicas”. Já a literatura não tem essa necessidade, a partir do momento que ela tem a liberdade de usar a realidade como base para algo mais alegórico e subjetivo. A literatura não está preocupada com o quanto algo realmente aconteceu, está preocupada com como aquele fato narrado aprofunda, na mente, a percepção do mundo de uma pessoa sobre a vida em geral. E mesmo assim, já que a literatura necessita sempre construir uma narrativa plausível, mesmo que em um cenário hipotético e longe do “real”, ela se torna um meio igualmente importante de se entender o passado. “A literatura, como a história, apesar de ser menos didática, menos autoritária, na sua expressão também se funda num processo de socialização; socialização das memórias, das narrações, dos discursos”.(LEMAIRE,2000,p.12).

Os livros de ficção passam a debater temáticas e fatos reais usando elementos fantásticos e que não necessariamente estão condizentes com a vida real (e que não precisam estar). Em contraste com a história, que foca em descrever os fatos de modo claro e preciso, a literatura tem a liberdade de transmitir conhecimento de forma lúdica e nem sempre tão explícita, mas que ao ser analisada com mais profundidade, é possível perceber que há uma transmissão de conhecimento sobre o passado e que torna-se um meio educativo de ensinamento. Como dito por Ria Lemaire

³ frase parafraseada dos conceitos mostrados pela autora, na página 10.

História e literatura reconfiguram um passado. Trata-se, no caso da história, de uma reconfiguração “autorizada”, circunscrita pelos dados fornecidos pelo passado (as fontes)[...] a literatura, ao contrário, permite que o imaginário levante vôo mais livre e amplamente, que ele fuja, numa certa medida, aos condicionamentos impostos pela exigência da verificação pelas fontes. (LEMAIRE, 2000, p.11)

Dessa forma, a literatura mostra-se como um complemento, ensinando os conceitos e fatos que são apresentados pela história, mas que muitas vezes não são totalmente entendidos — já que para compreender o passado, é necessário uma “bagagem” cultural e histórica que explique informações e dados de determinado contexto — contudo, com a literatura podem ser melhores representados a partir de descrições lúdicas e ficcionais. Diante disso, a escolha de utilizar um livro de ficção distópica para debater sobre a seletividade da memória foi então concretizada a partir da premissa de usar cenas presentes dentro da obra para relacionar conceitos muitas vezes complexos, como o termo “memória subterrânea” criado por Pollak (1989), como cenas “simples”, mas que mostram em ações muita informação relacionada a isso.

1.7 Metodologia

A busca deste trabalho acadêmico é responder à pergunta de pesquisa: “Em que medida a seletividade da memória e o esquecimento operam nas práticas museológicas?”.

Para tanto, desenvolvi as seguintes etapas, procedimentos, instrumentos e recursos: o processo da realização do texto completo começou com o levantamento de referências bibliográficas e documentais focados na temática da memória em suas diversas vertentes, seguido pela leitura da obra ficcional “O Doador de Memórias”. Como o corpo do texto de desenvolvimento se voltou para a análise e relação entre a obra e a temática escolhida, os dois primeiros passos ocorreram juntamente com anotações sobre os respectivos conteúdos, seguido pela análise dos dados coletados e finalizando com a produção da monografia, revisão da ABNT, revisão do conteúdo em geral.

Os procedimentos para a concretização desse objetivo foram respectivamente pesquisas em bases de dados, bibliotecas e arquivos sobre a temática acadêmica escolhida. Levantamento de dados sobre as informações e passagens pertinentes na obra de Lois Lowry, seja em seu formato literário como

também na produção cinematográfica. Escrita relacionando e gerando reflexão sobre o tema. Foram utilizados como instrumentos de estudo resumos bibliográficos, livros, artigos acadêmicos, plataformas digitais de transmissão de produções cinematográficas e a própria obra do autor.

2 MEMÓRIA E LITERATURA

2.1 Contextualização do livro base

Para o filósofo Louis Bonald, “a literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem⁴”. Baseada nessa reflexão, é possível compreender que a literatura, por ser uma criação da humanidade, pode ser vista como uma fonte de entendimento de diferentes aspectos da humanidade. Os seres humanos utilizam, do mesmo modo a arte e a música ou quaisquer criações humanas, a literatura para expressar em palavras toda a complexidade da natureza humana. A partir disso, não apenas é essencial entender prioritariamente como a obra literária consegue trazer a temática escolhida para este trabalho de conclusão de curso, mas também entender o impacto da própria literatura na visão de mundo sobre a temática da formação e organização da memória. Dessa forma, antes de adentrarmos na temática acadêmica da seletividade da memória no meio museal, e seu impacto na forma como os grupos sociais agenciam suas ações, mostra-se importante uma contextualização prévia tanto sobre a história da obra quanto sobre sua “fonte de criação”, isso é, sobre sua autora.

2.2 Biografia da autora

Iniciando com a criadora do universo do Doador de Memórias, Lois Ann Lowry é uma escritora americana, nascida em 20 de março de 1937, na capital do Havaí, Honolulu. Filha do meio de três irmãos, Lois Lowry teve uma infância turbulenta, pois seu pai servia ao exército como dentista militar, o que acarretou uma juventude composta por mudanças constantes, principalmente em meados de 1942, quando a autora se mudou para a Pensilvânia por conta da Segunda Guerra Mundial. Ao longo de sua vida, Lois Lowry teve três maridos e quatro filhos (de seu

⁴ citação retirada do livro “Obras completas de M.de Bonald”, de 1864, sobre o filósofo Louis–Gabriel–Ambroise, Visconde de Bonald.

primeiro casamento)⁵. Escritora de mais de 30 livros, Lois Lowry é conhecida como uma prestigiada autora de livros classificados como distopias e livros infanto-juvenis. Como tal, foi contemplada com um conjunto de prêmios⁶, entre eles a tetralogia “The Giver”, composta pelos livros “O Doador de Memórias”, “A escolhida”, “O mensageiro” e “The Son”⁷. Em sua biografia presente em seu próprio site, Lois Lowry explica que, em que pese cada história da tetralogia ter contextos e situações independentes e distintas entre si, há uma “preocupação”, segundo a autora, que os interliga. Em suas palavras, essa preocupação nada mais é do que “(...) A necessidade vital das pessoas de estarem conscientes da sua interdependência, não apenas umas com as outras, mas com o mundo e o seu ambiente”. (LOIS LOWRY, 2014)

No discurso de aceitação da Medalha de Newbery, que ocorreu em junho de 1994 e que foi transcrito para um texto em seu site oficial, a autora narra o processo de inspiração e criação para uma das suas obras mais conhecida, “O Doador de Memórias”. Para a autora do livro, a distopia futurista que retrata uma sociedade sem conflitos e sem memórias, se originou do acúmulo de pequenas experiências em sua juventude, onde Lowry presenciou em momentos diferentes, situações ligadas às memórias do passado, a relação do ser humano com os conflitos e processos complexos das relações interpessoais, e que gradativamente instigaram a reflexões sobre a complexidade da memória. Um exemplo foi uma experiência vivida em 1991, em que a autora estava em uma palestra sobre a premiação de seu então novo livro “Number the Stars”, uma ficção histórica narrada no contexto da Segunda Guerra Mundial, e uma mulher a questionou acerca da necessidade do constante diálogo sobre o nazismo e toda a consequência da guerra. A partir desse episódio, a autora observa que passou a refletir sobre o esquecimento do passado e se seria correto não lembrar, por exemplo, do horror da guerra em nome do conforto e da paz. Por fim, após essa reflexão, a autora conclui que mesmo sendo uma memória negativa e que esteja ligada a tragédias e dores da

⁵ Informações retiradas da biografia da autora, presente em seu site oficial .

⁶ Segundo o site oficial da Editora Arqueiro, que tem os direitos de alguns de seus livros, alguns dos prêmios seriam “Boston Globe–Horn Book”, “Dorothy Canfield Fisher”, o “Mark Twain” e a Medalha John Newbery, concedida pela *Association for Library Service to Children*, pelos livros “O Doador” e “Number the Stars”. A lista completa dos outros prêmios ganhados está localizada em seu site oficial.

⁷ Todos os três primeiros livros foram trazidos e traduzidos pela Editora Arqueiro com os respectivos títulos citados, à exceção do último livro, que não veio para o Brasil. Os títulos originais dos primeiros livros são “The Giver”, “Gathering Blue” e “Messenger”.

humanidade, para que haja uma evolução de pensamento é de extrema importância que esses assuntos sejam constantemente debatidos.

2.3 A história

Em sequência, apresentaremos a narrativa presente na obra escolhida.

A obra intitula-se “O Doador de Memórias”⁸, da escritora americana Lois Lowry. Escrita em 1993, é considerado um livro de ficção distópica⁹ de formato narrativo, com narrador em terceira pessoa. Foi originalmente traduzida para o Brasil pela editora Sextante com o título de “O Doador”, se assemelhando assim ao título original. Contudo, em 2009, teve seu relançamento com uma nova tradução pela editora Arqueiro, que o nomeou como “O Doador de Memórias”. Anos depois, em 2014, a obra ganhou uma adaptação cinematográfica, com atuações de Meryl Streep e Jeff Bridges.

O enredo principal de “O doador de Memórias” narra a trajetória de um garoto de doze anos, Jonas, que vive em uma sociedade utópica futurista onde não há mais guerra, dor, sofrimento, fome ou outro problema social existente nos dias atuais. Nesse cenário, os seres humanos vivem em completa harmonia e paz em pequenas comunidades separadas, sem conflitos e sobre um controle rigoroso dos “Anciãos”, um grupo de líderes que governam a vida dos cidadãos em sua totalidade, seja no formato das unidades familiares e das atribuições profissionais de cada pessoa, seja em como cada pessoa deve agir ou pensar.

Desde o início, o livro mostra que os seres humanos conseguiram a paz “apagando” todas as memórias do passado e com elas quaisquer emoções, sentimentos, experiências e conhecimentos humanos existentes. A anulação completa do passado da humanidade — e de tudo relacionada a ela — é restrita apenas aos cuidados do “Recebedor de Memórias”, que dentro dessa realidade, atua como um conselheiro para o governo, já que é o único em toda comunidade a ter todas as memórias do passado da vida humana antes da criação das comunidades. É a partir dessa premissa que a história guia o leitor para a experiência do protagonista em se tornar o novo Recebedor de memórias e assim

⁸ O título original da obra se chama “The Giver”, sendo esta a versão lançada em 1993.

⁹ Ficção distópica: A literatura distópica, gênero literário vinculado à ficção científica, narra um futuro obscuro da humanidade frente às ações de um estado totalitário e nos fornecem possibilidades de debates críticos, tanto no campo literário quanto no campo sociopolítico. (SILVA, 2021, p.1375)

ter contato com todas as lembranças das gerações anteriores, culminando em eventos em cadeia onde o protagonista passa a refletir sobre o peso do esquecimento e da ausência de memórias e emoções na vida do ser humano, questionando as consequências do esquecimento completo de tudo que define o ser humano.

Logo no primeiro capítulo, Jonas narra uma experiência incomum vivida pela sociedade local. Nela, durante uma caminhada de bicicleta, um avião desconhecido sobrevoa o céu, assustando a todos por não ser um evento esperado e comum. Logo depois o protagonista explica para o leitor que ouviu, por meio dos alto-falantes instaurados nas ruas, uma declaração oficial dizendo que houve um erro de rota por parte de um piloto em treinamento. Após isso, enquanto Jonas se dirige para sua casa, ele cita pela primeira vez, o processo de “dispensa” que muito possivelmente o piloto sofreria. Esse processo é um ato padrão governamental de controle, onde uma pessoa é supostamente “retirada” da comunidade. Esse ato pode ocorrer quando idosos chegam à idade limite de servidão, quando nasce algum bebê que não alcance as expectativas fisiológicas esperadas para a adoção — como peso ou estrutura óssea — e principalmente como forma de punição por alguma ação que vá contra às leis da comunidade, não necessariamente uma ação realmente grave, apenas um deslize de comportamento pode ser visto como digno de punição.

No capítulo seguinte, o leitor acompanha uma conversa que ocorre na unidade familiar do protagonista, mostrando outra característica do sistema governamental, em que os membros de cada família são escolhidos, não formados de modo orgânico. Em um diálogo entre Jonas, a irmã mais nova Lily e os pais, é citado pela primeira vez o Recebedor de Memórias como um conselheiro para os Anciãos em situações excepcionais. Como toda a vida da comunidade é gerida por regras rigorosas e não há uma lembrança de como os seres humanos se portavam no passado, até mesmo a escolha de permitir que crianças abaixo dos nove anos possam ter sua própria bicicleta, uma dádiva oferecida durante a “Cerimônia dos Nove” em que a criança alcança a idade determinada para ter sua primeira demonstração simbólica de maturidade social, no caso a permissão de andar de bicicleta, é levada ao Recebedor para que a partir das memórias das gerações anteriores, ele possa aconselhá-los sobre a melhor opção diante de uma dúvida.

Será aprofundado o tema mais a frente, porém é importante realçar que desde o início da narrativa, o Recebedor é apresentado como um símbolo de sabedoria por conseguir “ver além”, isso é, por conseguir enxergar o mundo a partir de uma perspectiva além do que a maioria consegue. Isso é devido especialmente ao contato exclusivo com não só todas as experiências e “características humanas” — como as emoções — que foram banidas da maioria das pessoas, mas também com todas as memórias do passado da humanidade. Tendo assim conhecimento sobre situações e fatos que ocorriam na vida dos seres humanos e que afetam positiva e negativamente a vida como um todo.

Nos capítulos seguintes, é adicionado à história um importante personagem para a trama: um bebê recém nascido chamado Gabriel (ou “Gabe” em grande parte da história). É mostrado inicialmente uma cena dentro da moradia de Jonas, em que a família descobre que foi permitido pelos Anciãos o cuidado temporário de Gabe pelo pai de Jonas, um profissional que atua no Centro de Criação, onde são gerados os bebês para a adoção. Gabe está em risco de ser dispensado da comunidade por não ter o peso adequado para uma adoção e por isso é levado como membro temporário da família de Jonas.

Isso gera no protagonista novas reflexões sobre as possíveis atribuições que serão escolhidas na Cerimônia dos Doze — momento que as crianças são oficialmente incluídas na sociedade como adultos — e em como a atribuição de mãe biológica é pouco vista como um cargo nobre, por não ser um cargo de atuação tão importante em comparação às outras atribuições. Logo após isso, Jonas encontra seu amigo Asher, outra criança que também passará pela Cerimônia dos Doze. Eles resolvem brincar de um jogo de arremesso e é durante este momento que Jonas vê uma ligeira mudança de aspecto em uma maçã, usada como objeto da brincadeira, onde sua imagem “muda”, o deixando atordoado. Capítulos depois, é permitido ao leitor saber que essas mudanças repentinas nada mais eram do que vislumbres da cor original da maçã, no caso o vermelho, e que isso sinalizava o papel fundamental que seria oferecido para Jonas na Cerimônia. Lembrando que a ocultação total das memórias do passado tornou a visão de todos monocromática, ninguém mais era capaz de enxergar as cores, já que até mesmo as lembranças da diversidade de cor que existia no passado, sejam na natureza ou nos próprios seres humano, foi inteiramente esquecida.

No cenário que se seguiu, Jonas e Asher resolvem ir até a Casa de idosos, onde são cuidados os membros mais velhos da comunidade que já não atuam em nenhum cargo e que esperam seu momento de dispensa. É nesse momento que é incluída mais uma personagem, a amiga de Jonas, Fiona e é citado pela primeira vez “Alhures”, um local onde supostamente todos os cidadãos dispensados são levados. Durante a visita à Casa dos Idosos, o protagonista questiona uma cuidadora acerca do destino final daquelas pessoas e se acaso alguém sabe o que ocorre após a “festa de despedida” da dispensa de algum dos idosos. A cuidadora diz que ninguém, além dos próprios Anciãos, sabem qual o destino para aqueles que são dispensados.

Nos capítulos da Cerimônia dos Doze, todos os moradores da comunidade, principalmente as crianças, se reúnem no Auditório principal, dividindo-se de acordo com a idade. Há um discurso de abertura feita pela “Anciã Chefe”, cargo este que é eleito a cada dez anos, onde são afirmados que apenas durante a Cerimônia dos Doze seriam celebradas as diferenças de personalidade de cada criança, pois a partir daquele momento eles seriam enfim membros ativos da comunidade. Desde o nascimento, cada criança é nomeada por um número específico — referência à ordem de nascimento — e que é utilizado pela Anciã para chamar cada criança do grupo dos “Onze” à frente do palco principal, onde seria declarado para todos qual a atribuição indicada pelos Anciãos para cada criança. Com o decorrer da Cerimônia, Jonas percebe que seu número foi pulado, gerando desconfiança e surpresa. Apenas no fim da Cerimônia a Anciã percebe que cometeu um erro e chama Jonas à frente do palco. É nesse momento que toda comunidade descobre que Jonas não foi indicado para um cargo e sim escolhido.

Devido a marcantes traços de personalidade percebidos em Jonas durante sua vida, o protagonista assim é escolhido para ser o novo Recebedor de Memórias. Para todos, este é um evento muito raro, não são todos que podem ser recebedores, apenas aqueles que mostram ter inteligência, sabedoria, integridade, coragem e, principalmente, a capacidade de “ver além”. O Recebedor deve ser escolhido de forma unânime e certa, pois diferente das outras atribuições, é um cargo que demandará uma entrega especial. O Recebedor de Memórias em sua essência necessita ter todos esses pré-requisitos para conseguir passar por experiências extremamente dolorosas e impossíveis de serem entendidas por qualquer outra pessoa que não seja o próprio Doador ou a criança eleita. Depois do

evento, Jonas recebe uma pasta com oito regras principais que devem ser seguidas, incluindo a permissão de mentir, não pode relatar os sonhos para ninguém — importante salientar que nesse futuro utópico, há um costume de partilhar diariamente os sonhos individuais de cada pessoa com sua unidade familiar, por serem reflexos do subconsciente e que expõem muitas vezes o estado da mente da pessoa — e o impedimento de requerer a dispensa.

No dia seguinte, Jonas se dirige até um Anexo atrás da Casa dos Idosos, onde conhece finalmente o lar do Doador de Memórias. Desde o começo, o narrador ressalta a existência surpreendente de livros diversos em prateleiras, contrastando com as casas comuns em que apenas livros didáticos e com conteúdo formativo (livros com leis e normas de conduta) são disponibilizados a todos. O doador enfim se apresenta e explica como funcionará o processo de transferência das memórias. A função do doador não é mostrar seu passado individual, mas sim lembranças do mundo inteiro "[...] antes de você, antes de mim, antes do Recebedor Anterior, gerações antes deles." (LOWRY, 2009, p.82)

É nesse contato com as lembranças das gerações passadas que o recebedor irá adquirir sabedoria e conhecimento para aconselhar quem necessitar. Repetindo inúmeras vezes o passado, será possível compreender o presente e futuro de cada morador da comunidade. Após essa explicação, o Doador pede para Jonas se deitar em uma cama e gentilmente ele coloca ambas as mãos em suas costas, gerando gradativamente no protagonista sensações físicas simulando o frio. Ao fechar os olhos, a mente de Jonas o transporta para uma memória de uma floresta em uma montanha congelada pela neve. Racionalmente Jonas sabe que está na sala do Anexo, mas as sensações e sua “visão” o fazem se sentir como se estivesse realmente dentro de uma floresta em um dia de neve. Ao acordar, Jonas relata a surpresa ao vivenciar a experiência de ver neve pela primeira vez na vida, descobrindo logo em seguida que uma vez passada a memória do Doador para ele, a lembrança já não permanece na mente do Doador. Esse momento gera instantaneamente dúvidas na criança, pois não apenas era desconhecido a sensação de estar em cima de um monte (toda comunidade é montada em terreno plano), como também a inexistência de neve nos tempos atuais era intrigante e perturbadora. Prontamente o doador responde dizendo que o clima foi modificado e controlado pelos antepassados, pois a instabilidade climática gerava inúmeras consequências negativas na vida do ser humano.

Os capítulos seguintes seguem mostrando as experiências de Jonas como recebedor e os efeitos causados no contato com as memórias. No decorrer das sessões, Jonas já passa a enxergar todas as cores do mundo, conseguindo até mesmo ver que nem tudo conseguiu virar a “mesmice” (termo citado continuamente pelo Doador) pretendida pelas gerações anteriores. Essa anulação completa das cores e das sensações foi feita com o intuito de que as pessoas não mais pudessem escolher errado. Para evitar o erro e o sofrimento, abriu-se mão da liberdade de decidir escolher ver as cores, de escolher o cargo profissional ou quem faria parte da própria família.

Tempos depois de começar a receber as memórias, o doador passa a mostrar lembranças ruins para Jonas, seja da sensação de sofrer queimaduras por exposição ao sol, de brigas e guerras. É questionado o porquê de os antepassados escolherem não mais permitir o acesso das pessoas àquelas lembranças. Por não terem acesso a outra opção de vida se não aquela apresentada pelos Anciãos e repetida continuamente ao longo de suas vidas como a única provável, as gerações anteriores e até mesmo a atual decidiram não querer lembrar para evitar o peso do sofrimento que lembrar de tudo causa. Mesmo que esquecendo da vida como era antes cause uma verdadeira apatia em todos, continuamente eles escolhem não saber, não sentir. “A vida aqui é tão ordenada, tão previsível. Tão indolor. É como eles escolheram.” (LOWRY, 2009, p.108) .

E mesmo assim, o Recebedor ainda é extremamente necessário para todos, pois sua existência obriga todas essas memórias a serem contidas na mente do Recebedor, nunca sendo esquecidas e inutilizadas, mas sempre distante o suficiente da mente de todos para evitarem o sofrimento iminente. Um dos principais motivos para esse contínuo esquecimento foi um acontecimento há dez anos no passado, em que uma recebedora chamada Rosemary (a filha do Doador) pediu dispensa e acabou liberando todas as memórias recebidas pela comunidade. Segundo o Doador, as memórias nunca são apagadas, uma vez que são criadas elas perduram para sempre na mente do ser humano. O acesso das pessoas às memórias da antiga recebedora geraram caos e sofrimento, pois todos sofreram com toda a bagagem emocional e física que aquelas lembranças carregavam (como nenhum cidadão tinha tido contato anteriormente com o passado, o sofrimento se intensificou e gerou uma grande crise social). A ignorância se tornou assim um meio de fuga e proteção, uma forma de conforto para todos que não queriam saber como

realmente era a vida humana antes do total controle e “mesmice”. Até mesmo memórias da vida em sociedade, em que as pessoas criavam laços, formavam famílias por gerações e tinham acesso a sentimentos humanos profundos, como raiva, alegria, tristeza, amor, indignação etc. foram apagadas, para que não houvesse a possibilidade de a natureza humana causar mais dor.

Em determinado momento, após um ano de aprendizagem, Jonas já não conseguia vivenciar a vida em sua comunidade. As lembranças abriram seus olhos de modo a exporem a superficialidade do cotidiano de todos, em contraste com os momentos que o doador lhe mostrava. Entretanto, foi pela notícia da dispensa de Gabe, o bebê que outrora fora incluído temporariamente em sua unidade familiar, que Jonas decidiu perguntar ao Doador sobre o real processo de dispensa. Jonas descobre assim, por meio de uma gravação acessada pelo Doador de parte do trabalho do pai de Jonas no Centro de criação, que o processo real de “dispensa” se resumia a um envenenamento que os criadores injetavam em uma pessoa, matando rapidamente a vítima, logo depois o corpo inerte seria descartado. Como o sofrimento não fazia parte do cotidiano, nenhum dos criadores tinha ciência do que estavam fazendo. Assim se mantinha a crença comum de um local chamado “Alhures”, para onde essas pessoas iriam após a cerimônia de dispensa e para onde supostamente o Gabe seria levado. Essa descoberta acarreta uma reação de indignação e choque no protagonista, culminando assim em um plano para que Jonas fuja da comunidade e encontre a suposta cidade de Alhures, já que mesmo sabendo do fato oculto sobre o processo de dispensa ambos acreditam que o local realmente existe e as próprias memórias passadas de geração a geração são registros de um local chamado Alhures, onde os seres humanos ainda viviam fora do controle dos Anciãos.

3. Aprofundando a relação entre esquecimento e memória

Paul Ricoeur afirma, em sua obra “A memória, a história, o esquecimento”, que assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. “A ideia de narração exaustiva é uma ideia performativamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva” (RICOEUR, 2004, p. 455). Dessa forma, quando falamos da ideia de esquecimento e sua relação com o processo de lembrar, entramos em um debate sobre como

devemos entender o paradoxo de esquecer para lembrar, ou também sobre o quanto lembrar do passado sempre afetará o modo como o ser humano vive em sociedade.

Há um tempo considerável, as memórias vêm sucessivamente ganhando uma atenção especial do ser humano, por sempre estarem constantemente presentes não apenas na organização da sociedade, principalmente se pensarmos no aprendizado oral e nos ensinamentos passados de geração a geração, comuns a grande parte das etnias. Todavia também por serem influentes nas memórias do cotidiano comum de uma pessoa. Como descrito por Nietzsche em “Genealogia da moral”, para viver em sociedade, sempre houve uma exigência em lembrar (NIETZSCHE, 1887 apud BARRENECHEA, 2005). Seja nas construções interpessoais, em que há uma necessidade de lembrar de padrões de comportamento e fatores sociais pré definidos em uma comunidade, ou mesmo lembrar de obrigações e detalhes sobre atividades do cotidiano, o ser humano sempre se apoiou nas memórias para conseguir se adaptar ao mundo.

Se não fossem as memórias registradas em paredes de cavernas pelos homens pré-históricos, nós não saberíamos como era a vida naquela época, nem mesmo eles — em suas constantes lutas para entender os mistérios e perigos de viver no planeta terra antigo — conseguiriam talvez transmitir seus conhecimentos sobre as formas de vida existentes para as gerações que viriam com tanta maestria, já que aqueles desenhos feitos nas cavernas conseguiram eternizar experiências humanas (boas e ruins) com cores e imagens, mostrando no tempo presente fragmentos do passado vivido. Contudo, mesmo diante da importância da memória em nossas vidas, ao relembrarmos a fala de Ricoeur, somos confrontados pela verdade escondida em cada situação narrada anteriormente: é impossível (até mesmo social e biologicamente) lembrar de tudo. A mente humana tem seu limite de armazenamento e constantemente necessita selecionar o que deve ou não ser lembrado para manter-se saudável diante do turbilhão de informações recebidas diariamente. Não muito diferente disso, o próprio processo de construção da sociedade exige a presença do esquecimento para organizar suas estruturas. Para a construção do Império Romano, por exemplo, foi necessário um processo de seleção de memória — das culturas que existiam, de fatos do passado e de conhecimentos — para que fosse moldada a vida romana. Até mesmo o ser humano da caverna, citados anteriormente, precisavam selecionar o que deveria ser eternizado em suas paredes e o que deveria ser esquecido no silêncio do passado.

“Não existe memória sem esquecimento. Toda a memória é seletiva e lacunar. Toda a narrativa seleciona entre os acontecimentos aqueles que parecem significativos ou importantes para a história que se conta.” (RICOEUR, 1995, p.6).

Essa presença de uma seleção obrigatória não apaga a relevância de lembrar, apenas fomenta há muito tempo debates no meio acadêmico sobre a importância do esquecimento na seleção dos fatos históricos e se acaso a seleção precisa existir, como então deve ser feita. Até porque, se é impossível lembrar de tudo e sempre haverá uma seleção do que deve ser colocado “a luz do dia” e o que deve ser transformado em uma memória subterrânea¹⁰, claramente é inevitável se perguntar o quanto esse processo é orgânico ou há um grande movimento político, por parte de autoridades ou de grupos influentes, em selecionar propositalmente o passado para beneficiar motivos diversos. Esses motivos diversos não se restringem, porém, na procura de “escrever a história do ponto de vista dos vencedores¹¹”, isso é, de selecionar o que deve ser lembrado para construir uma narrativa que beneficie um poder maior. Há também a possibilidade de procurar no esquecimento uma fuga para a dor infligida pelo passado. Este motivo em especial é aprofundado por Michael Pollak em seu texto “Memória, Esquecimento, silêncio”, em que o autor afirma, ao exemplificar o contexto vivido por contemporâneos da segunda guerra mundial e do movimento nazista, que

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança “comprometedora”, preferem, elas também, guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranqüila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar?(POLLAK, 1989, p.3)

Seja a sociedade como um todo ou o ser humano em sua liberdade individual de escolher, esquecer sempre mostrou-se uma contraparte da memória. Para Ulpiano Meneses, memória e esquecimento são faces do mesmo processo. “Não é nenhuma novidade dizer que a memória é um mecanismo de esquecimento controlado, seletivo” (MENESES, 2018, p.2). Ambos estão eternamente ligados e

¹⁰ Denominação criada e proposta por Michael Pollak em seu livro “Memória, esquecimento, silêncio”, de 1989. Memórias subterrâneas seriam as memórias que não são escolhidas pela sociedade ou por governos e autoridades, para ser lembradas. São memórias “obscurecidas” e deixadas ocultas para o conhecimento das pessoas em geral.

¹¹ Frase parafraseada de fala feita pelo escritor George Orwell em um artigo para a revista Tribune. Futuramente todos os artigos foram juntados em um livro chamado “As I please”. A fala original de Orwell seria *History is written by the winners* (ou em tradução livre, “A história é escrita pelos vencedores”).

entrelaçados, forçando o ser humano aprender como os equilibrar de forma que se crie uma harmonia entre o que deve ser esquecido ou eternizado, mas acima de tudo, cria-se uma exigência sobre a humanidade em entender que a complexidade do passado e sua presença no presente, ainda reforçam a responsabilidade das pessoas — e em especial de agentes de memória, como os museus — de trabalharem os erros do passado, ou eu poderia dizer, as marcas profundas das ações humanas nos dias atuais. Essa ideia foi reforçada pela escritora Lois Lowry em uma palestra feita em 1994 para o recebimento da medalha de Newberry, por seus livros “Number the Stars” e “O Doador de Memórias” (que foi escolhido para ser analisado nesta monografia), em que a mesma afirma, durante um debate sobre o nazismo e a segunda guerra mundial, que

Não seria, penso eu, bancar o Advogado do Diabo para mim mesma, tornar o mundo confortável para esquecer o Holocausto? E lembro mais uma vez como confortável, familiar e seguro, meus pais procuraram tornar minha infância protegendo-me de outro lugar. Mas lembro-me também que a minha resposta tinha sido abrir o portão repetidas vezes. Meu instinto era de criança tentar ver por mim mesma o que havia além da parede.(LOWRY, 1994, p.5)

Nessa fala, Lois Lowry mostra que mesmo sendo mais confortável e fácil não olhar para o passado e assim não precisar enfrentar as dores e cicatrizes de eventos traumáticos, como feito pelas vítimas descritas por Pollak, a própria natureza do ser humano o força a “ver o que havia além da parede” e enxergar o passado, para assim tratá-lo. Lois Lowry percebeu que mesmo escolhendo não olhar para os horrores do passado que sua família tanto a protegeu, é importante se permitir “ver além”.

4. A natureza das práticas museológicas

Para melhor entender o complexo processo de organização e gestão da memória nos dias atuais — e sua relação com o esquecimento e a seletividade — irei adentrar agora nos debates museológicos sobre a seletividade e no impacto das políticas de descarte dentro dos centros museológicos nos dias atuais, em especial por ser uma prática ainda pouco presente na realidade de grande parte dos museus.

É essencial pontuar, antes de adentrarmos o assunto, que essas práticas museológicas a que me refiro alude justamente a esse ato de musealizar as obras, de transformar objetos culturais com potencial museológico em objetos com

valor museal, além das ações de seleção entre quais objetos comporão o acervo de determinado centro de memória, ou principalmente quais se manteriam como parte da instituição, e quais passariam pelo procedimento de retirada do museu, a partir das políticas de aquisição e descarte. É a partir dessas (e de outras inúmeras) práticas museológicas que são moldadas as bases para a formação das narrativas históricas, já que cada acervo contém em si uma grande bagagem histórico-cultural e que por conta disso, auxiliam no direcionamento da perspectiva histórica que será abordada/reforçada para o público por meio das exposições. Se acaso um museu escolhe expor determinado objeto, há intrinsecamente uma escolha de qual ponto do passado a de ser contado ou não.

Uma melhor forma de debatermos essa temática será expor dois cenários hipotéticos de tratamento da memória: quais as problemáticas surgiriam se os centros de memória fossem forçados a lembrar de tudo? Incluindo todos os pontos de vista sobre determinado fato histórico? Em contrapartida, como seria se esses mesmos centros de memória necessitassem apagar completamente tudo do passado?

Importante salientar que o tratamento da memória não apenas é feito por parte apenas dos museus. Michael Pollak, em seu texto “Memória, esquecimento, silêncio” aprofunda em especial a relação do próprio Estado/governo na seletividade da memória, expondo por exemplo o caso de repressões e imposições dele sobre como determinada memória deve ser vista no cotidiano dos cidadãos (não necessariamente através das instituições que cuidam da memória, mas também nos discursos políticos, incentivos educacionais de como será ensinado sobre o passado etc) Entretanto deixarei para falar sobre esse agente específico mais adiante.

4.1 Os dois cenários

– Escolher lembrar

Comecemos imaginando um cenário onde os museus/centros de memória são forçados a lembrar de todos os pontos de vista da história. Nesse cenário, quaisquer memórias subterrâneas são trazidas à tona e começam a lutar por “um espaço de fala”. Em um contexto real,

Essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados(POLLAK,1989, p.2).

Comumente a sociedade vive ciclos de esquecimento e lembranças, por justamente passar por contextos sociais comuns e constantes. A exemplo das guerras, o sofrimento humano desencadeado por algum evento impactante pode muitas vezes gerar um movimento coletivo de retrospecto do passado e assim o ressurgimento de debates sobre cicatrizes do passado.

Dentro dos museus esse retrospecto ocorre no processo de conscientização de uma situação a partir do exemplo de eventos antigos, justamente por conta dos constantes ressurgimentos de eventos semelhantes ao longo da história nos dias atuais. Não é incomum ocorrerem eventos semelhantes de tempos em tempos e assim haver uma procura no passado por algum momento já existente e que poderá ser utilizado como “parâmetro”, já que a partir das ações das gerações passadas — e todas as consequências de determinadas escolhas — os seres humanos conseguem assim aprender como devem agir no futuro. “Lembrar é, essencialmente, retornar à verdade, rever as essências, as genuínas realidades de outro mundo” (BARRENECHEA, 2005,p.59).

Porém, lembremos que esse movimento de relembrar sempre tem uma necessidade de uma seleção, mas e se acaso a situação vivida por Funes¹² fosse real? Dessa forma, as políticas de descarte que necessitam existir dentro dos museus — a exemplo do documento criado para o Museu Histórico de Santa Catarina, em 2015, intitulado “Política de Aquisição e descarte de acervos do Museu Histórico de Santa Catarina- MHSC”, feito pela Fundação Catarinense de Cultura — seriam afastadas ou negadas. Se tudo deve ser lembrado, nada pode ser dado como dispensável ou mesmo sem importância histórica, todas as memórias têm o direito de serem lembradas, incluindo os objetos históricos relacionados com as memórias. No início haveria um interessante fenômeno a ser observado:

¹² Personagem criado por Jorge Luis Borges, no conto “Funes, El memorioso”, onde o personagem principal fala sobre um homem que lembra de tudo.

descobertas e mudanças de pontos de vista. Se tudo fosse lembrado, não haveria mais um filtro tendencioso que escolhesse como uma história deve ser contada, a sociedade poderá enfim dar ouvidos a vozes antes muito sufocadas, que por irem contra uma narrativa imposta, muitas vezes são forçadas a serem esquecidas. Essas memórias subterrâneas costumam se manter vivas por meio das tradições orais de pequenos grupos, como explicado por Pollak em que

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989, p.3)

É nesse momento que surge um questionamento inevitável: mas se todas as memórias devem ter obrigatoriamente seu espaço de fala, como exatamente isso iria acontecer? Não apenas isso, como isso ocorreria sem haver um colapso dentro dos museus e da sociedade? Não podemos esquecer que uma das principais formas de cuidado com a memória feita pelos museus é a conservação das marcas físicas do passado, os objetos históricos que ao passarem pelo processo de musealização se tornam acervos desses centros museológicos, e assim peças sobre a responsabilidade deles.

De acordo com o decreto nº8.124/2013, compete aos museus, públicos e privados sempre atualizar os dados de seus acervos, preservá-los e conservá-los, além de propor políticas de aquisições e descartes para a entidade vinculada¹³. Essa função demanda intensa atenção e um orçamento adequado das instituições, por estarem lidando com obras que têm muitas vezes datação de milhares de anos. Além disso, uma das principais atuações de um profissional museólogo, ao entrar em contato com determinada obra, será seu registro e documentação. Todo acervo necessita de uma intensa pesquisa para ser melhor conhecido, caso contrário ele fica em risco de sofrer uma dissociação¹⁴. Museus que muitas vezes não conseguem ter uma gestão de risco e documentações apropriadas, acabam sofrendo perdas significativas sobre seus objetos e principalmente sobre a memória vinculada a ele. Cada acervo conta uma história do

¹³ Trata-se dos números III, IV e VI do artigo 4, presente no capítulo II “Das obrigações do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e dos museus públicos e privados”.

¹⁴ Isso é, de sofrer a desvinculação entre o objeto e a informação. Objetos que sofrem disso acabam se tornando peças sem valor, por não terem uma base de dados que indique sua origem ou o que exatamente ele representa.

passado, são marcas concretas de partes da história. Um museu que necessitaria lembrar de tudo, teria que ser responsabilizado por uma quantidade exorbitante de informações, de acervos. Isso iria afetar negativamente as estruturas da instituição em níveis profundos, por ser uma tarefa complexa e impossível de ser realizada com as estruturas que existem nos dias atuais. Tal problemática pode ser melhor visualizada se, por exemplo, imaginarmos exposições eternas para contar todos os pontos de vista da colonização, que não seria ruim se pensar na rica visão que iríamos ganhar das experiências dos próprios povos originários ou da população brasileira que foi surgindo e se formando com o tempo, mas isso incluiria inclusive manter/reforçar pontos de vista de natureza questionável.

Um museu que precisa se lembrar de tudo, é um museu sem filtro sobre o que ainda vale a pena ser lembrado. Narrativas que não valem mais a pena serem contadas se manteriam acessíveis para o público, e assim continuariam reforçando os mesmos pensamentos e mesmos comportamentos e visões sobre determinadas problemáticas sociais.

O passado é uma mistura de milhões de vivências individuais e coletivas que ao se juntarem, contam uma grande narrativa. É impossível se lembrar de tudo, pois há lembranças que pertencem apenas a um indivíduo, como também a uma nação. Um museu que precisaria se lembrar de tudo, seria um museu em constante contato com o fracasso de não conseguir falar o suficiente, nem da forma correta. Quando uma memória subterrânea ressurge e passa a exigir espaço na trajetória histórica de determinada sociedade, com ela surgem grupos e figuras históricas que procuram sua hora de falar sobre sua verdade em contraste com um discurso oficial do passado.

Quando se enraíza uma memória coletiva em nível de nação, é inevitável pensar que não é apenas uma narrativa comum a milhões, uma forma simplesmente de contar um fato. É também um dos pilares para a formação de comportamentos sociais¹⁵. Nessa situação hipotética em que tudo seria lembrado, uma das sequelas diretas seria a questão de como a sociedade passaria a funcionar socialmente diante de narrativas conflituosas. Seria ouvir alguns discursos oficiais e

¹⁵Ideia trazida por Françoise Vergès em sua obra “Decolonizar o museu: Programa de desordem absoluta”(2023). Nesse livro, é debatido por exemplo a questão de museus terem exposições que tentam modificar a forma como mostram ideias já enraizadas sobre grupos marginalizados, mas que ainda não modificaram a forma como esses grupos estão inseridos, por exemplo, dentro dos museus, em seu corpo de trabalho. Não basta só mudar a forma que expõe o passado de um grupo no passado, é importante também ter mudanças no presente.

manter a mesma percepção sobre determinado grupo social (e nesse ponto pode ser abrangido vários tipos de grupos) ou haver uma abertura para realmente modificar de pouco a pouco a estrutura social. De qualquer forma, o acesso a narrativas distintas iria impactar profundamente a trajetória da humanidade moderna.

– Escolher o esquecimento completo

Mudemos agora o cenário hipotético que mais se assemelha ao contexto mostrado por Lois Lowry em seu livro, escolhendo agora a trajetória do completo esquecimento. Não um esquecimento proveniente de algum dano cerebral ou sequela de complicações fisiológicas, mas sim o esquecimento forçado pela escolha de deixar o passado completamente na escuridão. Esse cenário, mesmo que totalmente improvável, já se mostrou uma opção para certos grupos ao longo da história. Não é incomum ver grupos optarem pelo esquecimento ao passarem por momentos traumáticos, como também não é inusitado o movimento de seletividade de governos e nações em escolher quais fatos devem ou não serem lembrados, seja porque vão contra algum pensamento, ou porque já não faz mais sentido lembrar de algo ruim, como se o passado e o presente não coexistissem.

Por muito tempo, pensou-se que se determinado evento traumático fosse deixado oculto da mente das pessoas, seria possível “seguir em frente”. A exemplo do período de escravidão, mesmo ainda sendo uma temática muito falada nos dias atuais, muitas vezes se vê pensamentos de uma ruptura entre o passado e o presente. É compreensível se pensarmos que mesmo com essa crença de que o passado está distante dos acontecimentos vividos nos dias presentes, a realidade é muito mais complexa que isso. “Certamente, os fatos passados são inapagáveis: não podemos desfazer o que foi feito, nem fazer com que o que aconteceu não tenha acontecido”(RICOEUR,1995,p.6). E mesmo que haja um processo de entendimento sobre o que aconteceu, o passado sempre se manterá presente no cotidiano do ser humano. Mantendo-se presente a dor de lembrar desperta continuamente. E assim o esquecimento é escolhido, para apagar o que doeu e dar abertura a novas lembranças. Em uma situação em que tudo é esquecido, a sociedade viveria em completa paz. Seria uma oportunidade de recomeçar, qualquer cicatriz causada pelas guerras, fomes, disputas seria assim resolvidas. Rivalidades entre nações que existem há gerações por disputas passadas seriam finalmente

encerradas. Até mesmo na hipótese em que os museus deveriam se lembrar de tudo, o processo de esquecimento sempre se mostrou necessário, por ser algo inseparável da vivência humana. Como dito por Miguel Angel de Barrenechea certa vez, em sua análise sobre as ideias de Friedrich Nietzsche,

O esquecimento é próprio de uma natureza instintiva, cujo funcionamento é perfeito, acorde com todas as vicissitudes que acontecem na natureza. Não se trata de um defeito, uma “falha” da memória[...] sendo o esquecimento a capacidade orgânica de articular-se ativamente com todas as forças da vida[...] Esquecer é condição de possibilidade da felicidade[.]” (BARRENECHEA, 2005, p.61–62)

Bom, como você deve ter pensado, realmente o esquecimento completo iria desencadear um novo período para a humanidade como um todo, mas as consequências estariam longe de serem benéficas como descrito acima. Em um cenário que nada deve ser lembrado, em primeiro momento haveria um grande impacto negativo na gestão de muitos museus e centros de memória, justamente por haver uma grande parcela de instituições que trazem como objetivo principal a análise e reflexão sobre algum momento do passado.

Se fosse proibido qualquer registro do passado, esses museus seriam forçados a fecharem suas portas e assim interromperem os ciclos de aprendizado e transmissão de conhecimento que existiam, até mesmo muito do desenvolvimento intelectual e social da humanidade iria retroceder, já que muito do conhecimento e sabedoria dos homens veem do processo de “olhar para trás” e absorver ensinamentos de épocas anteriores. Como dito por Marcos José Pinheiro,

O museu surge como uma forma de preservação da memória, de integração entre as culturas cultas, populares e das massas, de retardamento da velocidade da obsolescência, assim como lugar de discussão entre a modernidade e a tradição, de divulgação das novas técnicas e ciências, mas também como casa de espetáculo e de entretenimento.(PINHEIROS, 2004, p.104)

O que levaria ao segundo problema principal: a sociedade perderia uma das principais fontes de informação e conhecimento criados nos últimos séculos. Isso se deve justamente por serem não apenas um local de conservação de objetos antigos e memórias de fatos passados, mas também um ambiente onde o contato com o passado passa a ser um meio educativo de absorver informações sobre a vida em geral a partir da “bagagem” cultural e histórica provenientes dos patrimônios. Se pensarmos que aqueles que não conseguem lembrar do passado

estão condenados a repeti-lo¹⁶, a ausência de uma fonte de ensinamentos — lembre que mesmo esteja focado inteiramente no impacto da ausência de passado nos museus, se acaso a sociedade efetivamente decidisse negar tudo, até mesmo os documentos históricos, livros didáticos ou quaisquer outra obra que retrata o passado seria descartada — iria acarretar muito possivelmente uma constante onda de cenários preocupantes, onde a humanidade iria repetir erros do passado e que não haveria nenhuma base para antecipar as consequências desses erros.

Se até mesmo com toda as fontes de conhecimento— como livros, museus, filmes, documentários — ainda se nota a prevalência de acontecimentos nos dias atuais muito semelhantes aos ocorridos em épocas anteriores, em que as pessoas se veem cometendo os mesmos erros, causando os mesmos desastres e lutando pelos mesmos motivos — um cenário em que “olhar para trás” se torna uma proibição, não haveria como nós prosperamos totalmente, ressignificando “correntes” antigas. “O museu tem o condão não apenas de dar a conhecer, informar, educar etc., mas de mover os indivíduos, tocá-los, empurrá-los” (MENESES,2018,p.7). Por isso, desde os primórdios,a humanidade tem insistido em registrar (de alguma forma) tudo que ocorreu, ocorre e futuramente ocorrerá. Museus sobre guerras lembram as pessoas do sofrimento e da dor que a morte pode trazer àqueles que vivem em meio a conflitos, museus que se proponham a ser espaços de acolhimento do protagonismo dos povos originários trazem a vida, como em uma máquina do tempo, toda a beleza intrínseca na história dos primeiros moradores. Os museus de história natural nos lembram de como a vida existe há tanto tempo e que o mundo está em constante mudança. Importante lembrar que “na ótica platônica, a lembrança tem extraordinário valor cognitivo e vital, pois nos restitui a verdade, nos liberta dos erros, permitindo-nos recuperar a perfeição perdida” (BARRENECHEA, 2005, p.59)¹⁷.

5

O DOADOR DE MEMÓRIAS

5.1 A trajetória de Jonas e o esquecimento

¹⁶ Citação feita pelo filósofo George Santayana, em livro “The life of reason: The Phases of Human Progress”, de 1905. Seu formato original seria “*Those who cannot remember the past are condemned to repeat it*”.

¹⁷ Essa frase está presente no texto “Nietzsche e a genealogia da memória social” escrito pelo autor Miguel Angel de Barrenechea, da obra “O que é memória social?”. Porém se trata de uma afirmação parafraseada de um texto da Marilena Chauí, presente no livro “Introdução à História da Filosofia”.

Finalmente, após navegarmos pelos elementos principais da história do “livro base” e expormos as ideias museológicas ligadas ao esquecimento e a memória, será adentrado oficialmente na interseção de ambos e em como todo conhecimento apresentado se relaciona com a trajetória do protagonista Jonas no livro de Lois Lowry. Como já narrado na primeira parte desse trabalho, o livro descreve a jornada ficcional de um garoto de doze anos chamado Jonas, que ao passar por uma cerimônia de transição entre a infância e a vida “adulta”, em um cenário utópico futurista, passa a ter contato com o passado esquecido da humanidade após se tornar o recebedor de memórias e assim inicia um processo de autoconhecimento e reflexão sobre o estilo de vida em que vive e as consequências da ausência de emoções e memórias no cotidiano das pessoas.

Diante de tudo, a história de Jonas se volta para a presença e impacto do surgimento do Doador de Memórias, um ancião que tem a tarefa única de lembrar de tudo e assim ser a fonte de conhecimento de uma população alienada e presa em uma esfera de vida “perfeita” e longe da dor. É nesse ponto principal que surgem os debates sobre a memória e esquecimento, pois a presença do doador se torna um meio de reflexão do protagonista em ver a realidade além do comum e perceber que um mundo onde a memória passada e as emoções humanas não existem é um mundo incompleto. Diante disso, porém, é necessário relacionarmos também outros pontos existentes no universo do livro e que nos ajudarão a entender melhor a relação do doador com a vida real, com os pensamentos existentes no mundo da Museologia e dos museus.

Começamos pelo primeiro grande elemento apresentado logo no início dos livros: o processo de dispensa.

5.1.1 “Evidentemente ele será dispensado”¹⁸

¹⁸ Para uma melhor imersão, usarei trechos do livro como títulos de cada tópico.

Em sua obra “Museu, Memória e Esquecimento”, Marcos José Pinheiro, ao discorrer sobre o nacionalismo e a formação de culturas nacionais a partir das análises propostas por Maria Montserrat Guibernau, afirmar que

Além das diversas maneiras que o estado tem para exercer o seu poder sobre seus cidadãos, tais como impor e cobrar impostos, estabelecer os direitos e deveres dos cidadãos, controla–los através dos meios tecnológicos e da distinção das pessoas em religião, classes, sexo, produtividade etc., possui também o poder de controlar através da educação e da comunicação, que se tornam cruciais na homogeneização da população do estado, dado que agem diretamente na reprodução e modificação da cultura, e são vitais na constituição do nacionalismo, uma vez que a uniformidade aumenta a coesão (PINHEIRO, 2004, p.131).

Em outras palavras, uma das principais formas que o Estado tem de atuar sobre a sociedade e assim controlá-la segundo suas necessidades, é a atuação direta na cultura educacional, na forma de pensamento da população. Se acaso uma sociedade passar a pensar sobre determinado fato segundo o ponto de vista proposto por terceiros, será sempre muito mais fácil o direcionamento de comportamento e manipulação na forma de viver. É a partir da educação que todos nós moldamos nossa percepção de mundo e em como reagimos em sociedade, não por coincidência, há vertentes do campo da Sociologia Social que reforçam justamente o impacto da educação na construção do homem como cidadão e membro de uma comunidade. Um exemplo claro são os três agentes da socialização¹⁹ propostos na Sociologia, sendo a família o agente primário (o mais direto), a escola o agente secundário e a cultura de massa o terceiro.

Perante o exposto, quando passamos a analisar o cenário mostrado nos primeiros capítulos pelo protagonista Jonas, já é possível se deparar com uma das principais formas de controle feitas pelos Anciãos na comunidade do protagonista: a dispensa. Um ato social de punição estendida a todos segundo seus respectivos graus de falha, a dispensa se torna para todos como um processo de retirada de um cidadão daquela comunidade e sua transferência para a suposta cidade de “Alhures”. Em uma sociedade que tudo é controlado pelos Anciãos em cada detalhe e que, teoricamente, todo sofrimento e problemática social existente no passado foi erradicada, a dispensa apresenta-se muito mais como uma forma de manipulação do que como um ato de justiça. “Um cidadão contribuinte ser dispensado da comunidade era uma decisão definitiva, uma punição terrível, uma

¹⁹ Conceito proposto por Mariângela Savoia em sua obra “Psicologia Social” (1989).

constatação esmagadora de fracasso” (LOWRY, 2014, p.6). Principalmente após a revelação, capítulos depois, de que essa “punição” não tem a natureza de uma transferência física de um local para o outro e sim uma punição letal em que o acusado é envenenado e morto. Ver que esse ato é usado no livro para qualquer infração, até mesmo casos de bebês que nasceram sem o peso ideal. Esse aspecto traz à tona a realidade cruel daquela comunidade em que até mesmo o sentido de punir e controlar já se perde por completo e que a ignorância dessa população em não ter acesso ao passado e assim toda a realidade do sofrimento humano explica também o porquê desse ato de dispensa ser aceito em sua totalidade por todos, inclusive por profissionais que passam a serem treinados para a dispensa de idosos e crianças. E qual a relação desse ponto com a memória?

Ao pensarmos que no cenário de Jonas, apenas o Doador sabe do passado, e isso significa saber de cada ato de punição, justiça ou correção, é perceptível o quanto apenas ele consegue utilizar do passado como parâmetro ético das ações de grupos poderosos sobre a sociedade geral. À exceção de Jonas, todo o resto da população não tem a mínima noção do que seria errado ou certo na forma de tratamento entre grupos sociais, incluindo os próprios Anciãos que apenas seguem o que foi ensinado por gerações. Justamente a ausência da memória do passado que permite que a morte seja usada como arma de punição segundo parâmetros desumanos de erro. Se acaso uma sociedade não conseguir, a partir de experiências passadas, discernir os limites morais do uso do poder usufruído por líderes para gestão social, toda e qualquer injustiça é aceita. E principalmente falando em um contexto metafórico em que até mesmo a morte é ocultada por uma ilusão criada sobre a verdadeira natureza de um ato, mostra-se extremamente necessário o peso da consciência histórica na influência da visão de mundo de todas as pessoas daquela comunidade. A partir do momento que informações tão relevantes sobre a vida de um ser humano — ou de milhares — é afastada do entendimento geral, há a abertura para contínuas “brechas” de abusos de poder ou atos moralmente discutíveis. Em outras palavras,

Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente. Esse trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação. Recusar levar a sério o imperativo de justificação sobre o qual repousa a possibilidade de coordenação das condutas humanas significa admitir o reino da injustiça e da violência. (POLLAK, 1989, p.7)

Como já dito antes, as memórias se tornam para uma sociedade como um meio de comparação e definição de parâmetros das ações humanas. Se acaso as memórias existem no contexto do cotidiano de Jonas e a ignorância da comunidade fosse transformada em uma consciência social do peso da punição, da morte e da responsabilidade dos Anciãos em administrar a vida de todos de forma justa e sábia, a reação das pessoas sobre a escolha de punir o piloto em treinamento que errou a trajetória de voo no início do livro seria muito possivelmente voltada para uma indignação social em vez de uma apatia. Prova disso é a cena da descoberta do protagonista sobre como a dispensa realmente ocorre após ver um bebê sendo morto por não satisfazer as expectativas da comunidade e assim gerando uma onda de indignação e choque em quem estava assistindo ao processo. As lembranças do passado deram para Jonas uma consciência histórica sobre tudo, e pensemos que consciência histórica é o entendimento de nossa responsabilidade como sujeitos da história²⁰. Logo, o conhecimento sobre a história é um meio de auto entendimento sobre o impacto de nossas ações diante do mundo e na vida dos outros.

5.1.2 “As atribuições eram escrupulosamente ponderadas pelo Comitê dos Anciãos”

Uma das principais características do governo ficcional do livro é a presença do “Comitê dos Anciãos”, líderes universais da comunidade. Qualquer questão relacionada a administração e gestão da sociedade do protagonista necessita sempre ser decidido inteiramente por esse pequeno grupo de homens e mulheres, que ao seguirem regras rigorosas de vivência em sociedade, tornam-se os responsáveis por decidir quem irá ou não ser dispensado (quem morreria ou não), qual o nome que será dado para um recém nascido, as atribuições profissionais que serão distribuídas no dia da Cerimônia dos doze, quem fará parte das unidades familiares entre outros. Esse governo é mostrado em muitos momentos como rigoroso, autoritário e firme, até mesmo o Doador de Memórias, que dentro da comunidade é considerado um Ancião de posição mais elevada, está sujeito ao controle desse Comitê, que por vigiar a todos 24 horas, utilizam-se de alto-falantes para chamar a atenção de cada cidadão.

²⁰ Fala feita por Ulpiano Bezerra de Meneses em sua obra “Os Museus e as Ambiguidades da Memória: a Memória Traumática”(2018), página 8.

É descrito no livro que esse impacto do comitê na vida do Doador de Memórias ocorre principalmente quando há o acontecimento de algum evento incomum e que leva os Anciãos a procurarem o Doador para conselhos de sabedoria. Esse ponto especificamente não será analisado nesse momento, porém uma observação válida sobre esse modo de contribuição que o Doador tem em relação aos Anciãos, é que do mesmo modo que há um controle de como as pessoas devem viver e agir no dia a dia, há também um controle sobre o que deve ser lembrado. Como as lembranças do passado devem ser trazidas à tona. Até mesmo lembrar é feito com tanta rigorosidade que as memórias aceitas para serem usadas como lembretes ou ensinamentos são pontuais e raros, o passado como um todo não se mostra bem vindo. Dessa forma, os Anciãos mostram-se detentores do poder de lembrar, mesmo o doador sendo o único com acesso real ao passado, quem decide o que fazer com aquilo são os líderes. E se acaso há apenas uma pessoa, ou um grupo, que decide inteiramente qual parte do passado deve ou não ser lembrada, aquela narrativa se torna a única opção válida. Um passado visto por uma única perspectiva é um passado de uma única verdade conhecida.

Em julho de 2009, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie apresentou, por meio da plataforma de conferências mundiais de tecnologia e inovações *TEDGlobal*, a palestra “O perigo da História Única” — que futuramente foi transcrita para um livro — e que tem como objetivo falar sobre o perigo de se conhecer a história de um povo a partir apenas de uma perspectiva, especificamente sobre a visão ocidental sobre a realidade do continente Africano (e como o real cenário do continente como um todo está longe de ser a imagem comumente retratada). Ela mostra ao longo de sua palestra, o quanto é necessário questionar se determinada narrativa apresentada mostra ou não o todo de uma história, e sabendo que a resposta a esse questionamento é não, também Chimamanda Ngozi Adichie traz a proposta de se permitir rever os fatos do passado com outros olhos além dos comumente determinados. Para a autora, a visão de uma África pobre, sofredora e incapaz de contar outra história além de tragédias e problemáticas é claramente fruto de uma visão estereotipada que se enraizou no ocidente a partir de antigas narrativas que reforçaram apenas esse específico ponto que compõem tudo que a África significa. O sofrimento faz parte da longa história do continente, mas não se restringe a isso. Diante disso, para a autora

A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. Claro, a África é um continente repleto de catástrofes[...]Mas há outras histórias que não são sobre catástrofes. E é muito importante, é igualmente importante, falar sobre elas. (ADICHIE, 2009, p.4)

E isso tem se mantido até os dias atuais justamente por não haver muitas “vozes” que contrapusessem essa narrativa. Ao relacionarmos isso ao livro, é possível se entender que os Anciãos da comunidade de Jonas podem ser utilizados como representações justamente dessa sociedade/ governo, até mesmo as próprias instituições museológicas que muitas vezes propagam apenas uma determinada narrativa, excluindo um todo de lembranças e partes do passado. A grande problemática é que na vida real, os museus são uma das principais instituições com o objetivo de zelar e cuidar das memórias do passado e dos fatos presentes, então o peso de transmitir conhecimento e ensinamentos a partir das memórias é um grande pilar principal desses grupos. Se acaso essa transmissão de conhecimento, que já é restrita a um pequeno grupo, foca apenas em uma narrativa pré-determinada, situações mostradas por Chimamanda Ngozi Adichie vão sempre ocorrer. No mundo de Jonas, a palavra do Comitê é vista como verdade absoluta já que apenas eles retêm a verdade. E isso resulta em uma comunidade ignorante²¹ e presa em uma bolha ilusória da realidade, que ao não ter acesso ao passado, não conseguem enxergar no presente perspectivas diferentes e assim não há uma liberdade de questionamento.

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.(ADICHIE, 2009, p.5)

É importante que, como feito pela autora ao trazer uma visão da África mais completa e cheia de histórias novas, haja um fortalecimento nos dias atuais, de instituições/grupos que trazem a tona memórias subterrâneas com novos pontos de vista, é necessário um pensamento crítico sobre o passado que é mostrado para refletir sobre o que ainda não consegue ser exposto. E muito além disso, como foi citado anteriormente, os museus são grandes agentes dessa transmissão de conhecimento, dessa atuação na sociedade como “educador” sobre

²¹ O termo “ignorante” é usado nessa parte no sentido literal presente no dicionário da língua portuguesa, de ignorância como “Condição da pessoa que não tem conhecimento da existência ou da funcionalidade de algo: ignorância dos acontecimentos contemporâneos.”

a história, por justamente ter essa capacidade de trazer questionamentos e reflexões por meio dos acervos e exposições. E assim se chega na necessidade do museu de problematizar o passado como dito por Ulpiano Bezerra de Meneses, em que

Problematizar não é o contrário de simplificar, nem quer dizer multiplicar obstáculos, mas é responder à necessidade de ir além da enganadora aparência simples das coisas. Problematizar é respeitar a contingência do mundo real. O museu problematiza sendo um museu crítico. Se lembrarmos a raiz grega da palavra crítica e de sua família (discernir, discernimento, concernir, crise) veremos que a matriz semântica é “peneiração”, filtragem, distinção de componentes, quebra do que aparenta ser um monobloco. “Crise”, por exemplo, significa assim, momento crucial, que está a exigir escolhas. Formar a consciência crítica – uma das extraordinárias possibilidades do museu – é, portanto, formar para escolhas próprias.(MENESES, 2018, p.9)

A realidade mostrada por Chimamanda Ngozi Adichie não se restringe apenas aos países africanos ou aos Estados Unidos. A necessidade de problematizar o passado a partir da revisão de narrativas deve ser estendida para a realidade brasileira, justamente por ainda existir narrativas sobre determinados assuntos sociais e que não refletem a realidade tal como ela é. Um exemplo ilustrativo simples, mas que exemplifica este ponto é a importância de adaptação da narrativa comumente contada sobre o dia da Independência do Brasil mostrado no famoso quadro “O grito do Ipiranga”, do artista Pedro Américo, em 1888.

O acontecimento ocorrido dia 07 de setembro de 1822 — igual outros milhares de fatos sobre nosso passado — tem sido revisado e repensado por historiadores e pesquisadores, justamente por estar se criando a consciência de que a sequência de eventos retratada por muito tempo em pinturas e desenhos, já se mostram distantes do que estudos recentes mostram²². Essa revisão mostra-se essencial pois, mesmo que no exemplo do “Grito do Ipiranga” o motivo da incompatibilidade de fatos seja muitas vezes por necessidades da época de um reforço simbólico sobre o ato de proclamação, criou-se uma memória coletiva sobre esse momento que, ao ser reforçada juntamente com outras memórias sobre a atuação da família real Portuguesa no Brasil, mantém fortalecido narrativas oficiais distorcidas que afastam a possibilidade do Brasil atual de evoluir como nação, principalmente falando de debates sociais sobre a forma como o país lidava com a população em geral (especialmente a grande parcela de grupos marginalizados), as relações de poder e corrupção entre as elites portuguesas, brasileiras e as classes

²² Esse fato é explicado no artigo “O Grito Do Ipiranga: A Independência do Brasil das Galerias aos Quadrinhos “ de Laura Giordani (2016).

sociais etc.. Mesmo sendo um exemplo de um fato antigo, esse evento histórico faz parte da formação nacional do Brasil como uma grande nação, impactando assim o presente. Deste modo, como explicado por Michael Pollak,

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p.7)

Um outro exemplo prático seria a forma como são expostas a narrativa da escravidão no museu da Inconfidência, em Ouro Preto (Minas Gerais). Construído entre os anos de 1785 e 1855²³ e se tornando um dos principais pontos turísticos da cidade, muito devido a sua própria construção arquitetônica em estilo barroco e com detalhes neoclássicos, mas também de seu vasto acervo. O museu da Inconfidência é famoso por expor muitos objetos e obras de arte que remetem ao período colonial até o período imperial, com um foco em todos os aspectos relacionados a Tiradentes (como já explicado pelo próprio nome da instituição), ao cotidiano da classe média, realçando muitas esculturas e quadros artísticos de cunho religioso e também muito da realidade escravocrata existente naquele período. Sendo este último um aspecto do museu a que iremos refletir.

O período colonial foi e ainda é uma base essencial para a formação do Brasil como é conhecido atualmente. É impossível passar pela história de nosso país sem falar da complexidade desse período e por isso os assuntos trazidos pelo Museu são em sua essência ainda de muita relevância. Contudo, como já falado anteriormente, a problemática de se manter em apenas uma “história única” é o risco de perder a história do passado em seu modo completo. Se pensarmos na forma como a vida cotidiana em Ouro Preto é mostrada no museu, principalmente seu foco na vida dos negros escravizados, conseguimos pensar justamente no ponto a que Chimamanda Ngozi Adichie tanto fala: o que é mostrado é apenas uma parte mínima de um todo. Sim, houve a devastadora escravidão, muitos realmente foram torturados e viviam uma vida repleta de dor e sofrimento. Entretanto, limitar a vida dessas pessoas em apenas dor é apagar também outros muitos aspectos vividos

²³ Informação retirada no site oficial do museu.

por aqueles povos. Eram seres humanos que tinham uma bagagem imensa de alegrias, tristezas e histórias ricas e desconhecidas. Do mesmo modo que a África não se resumia apenas a pobreza e dor, as pessoas daquela época (e de todo o período da história do Brasil) não se restringem apenas a escravidão, pobreza e luta contra o sofrimento. Há muitas narrativas que não foram contadas, narrativas essas que poderiam surpreender a sociedade por seu conteúdo que com certeza vai além da escravidão.

5.1.3 “A partir desse momento você está proibido de relatar seus sonhos.”

Passemos agora para um ponto de discussão que vai temporariamente se distanciar da linha de raciocínio sobre a seletividade das narrativas do passado feita pelas instituições/governo, mas que têm igual importância no entendimento da memória em relação ao enredo do livro: os sonhos. Sendo uma temática presente em várias áreas do conhecimento, especialmente na Psicologia e na neurociência, os sonhos vêm intrigando o ser humano há centenas de anos, sendo interpretado por muito tempo como um fio condutor para revelações divinas sobre o cotidiano de um povo, guiando muitos povos em suas decisões, a partir dessas “experiências místicas”.

Considerado o livro mais vendido no mundo segundo o site oficial do Guinness World Records²⁴, em 2021, a Bíblia contém, especialmente nos livros presentes do velho testamento, muitos exemplos de relatos e histórias em que os sonhos eram mostrados como instrumento de Javé, isto é, do deus hebreu, para transmitir determinada revelação e/ou mensagem divina a alguma figura histórica. Um dos exemplos mais conhecidos é a história de José do Egito, presente no livro do Gênesis, onde um dos filhos de Jacó²⁵ tem repentinos sonhos proféticos sobre seu futuro, sendo este um dos motivos que impulsionaram seus irmãos a vendê-lo como escravo, fazendo-o ir até o Egito, onde futuramente ele se tornaria um comandante do rei do Egito.

Ao longo de toda a história, os sonhos são mostrados justamente como experiências místicas cheio de simbologias e até os dias de hoje,

²⁴ O Guinness World Records é uma revista mundial que publica todos os anos diferentes tipos de recordes realizados em determinado período por pessoas ao redor do mundo desde o início da década de 50.

²⁵ Figura histórica presente no Antigo Testamento, tido como filho de Isaac e neto de Abraão, sendo este último considerado pelo povo hebreu como o principal patriarca bíblico dos povos hebreus.

ainda há uma forte presença, em várias culturas, de interpretações e representações dos sonhos como verdadeiras experiências sobrenaturais, mesmo diante dos posicionamentos da ciência como algo intrinsecamente relacionado com o inconsciente²⁶. Diferente dessas concepções atuais, essas experiências noturnas são compostas de significados e valor para todos, podendo definir a vida de milhares de pessoas. Outro exemplo do uso dos sonhos como fontes de revelações está presente na cultura de alguns povos originários, como os Yanomani. Segundo a pesquisadora Christina Queiroz, em seu artigo “Como sonham os povos ameríndios”,

Os indígenas da etnia Yanomami, por exemplo, concebem os sonhos como experiências reais, que podem causar efeitos coletivos e mudar o rumo de acontecimentos[...] quando um yanomami sonha, o corpo permanece deitado na rede, mas o pei utupê, uma espécie de imagem vital, desprende-se e viaja por lugares que o sonhador percorreu durante o dia ou por locais desconhecidos. Em sonhos, os Yanomami entendem que a imagem vital da pessoa pode encontrar parentes próximos, distantes e mortos e tudo o que é experimentado é considerado como algo que aconteceu ou pode acontecer, podendo afetar a vida de toda a comunidade.(QUEIROZ, 2023, p.2/3)

Na cultura dos povos originários, os sonhos também ganham um papel de “bússola” para escolhas sobre o dia a dia, como também uma forma de se ligar a entes queridos que se foram, mostrando justamente esse caráter transcendental dos sonhos. Para a maioria dos povos existentes na história da humanidade, esse “mundo” alegórico e subjetivo das ideias na mente humana, onde são formados as lembranças e sonhos, não se restringem a meros processos de armazenamento de experiências cotidianas e registros de vivências a partir de ligações neurológicas, mas sim uma ponte entre a realidade palpável e o campo espiritual, afetando não só o presente, mas o passado e o futuro.

Como já dito, em contrapartida a ciência atualmente tem visto os sonhos muito mais como um resultado da mistura de memórias vividas no inconsciente, que ao se juntarem formam um tipo de “simulador da realidade”. Como descrito pelo neurocientista Sidarta Ribeiro,

Sonhos são narrativas subjetivas, muitas vezes fragmentadas e compostas de elementos — seres, coisas e lugares — interagindo com uma autorrepresentação do sonhador, que em geral apenas observa o desdobramento de um enredo. Os sonhos variam em intensidade, indo desde reações confusas e débeis até intrincadas

²⁶ Termo utilizado pelo psicanalista Sigmund Freud e explicado pelo neurocientista Sidarta Ribeiro em sua obra “O Oráculo da Noite” como sendo “ a soma de todas as nossas memórias e de todas as suas combinações possíveis. Compreenda, portanto, muito mais do que o que fomos — compreenda tudo o que podemos ser(RIBEIRO, 2019, p.108)”.

epopeias de imagens vívidas e reviravoltas surpreendentes. Às vezes podem ser concluídas ou propostas, mas em geral são caracterizadas por uma mistura de emoções. Podem ainda antecipar acontecimentos do futuro imediato, em especial quando o sonhador ou sonhadora experimenta extrema ansiedade e expectativa[...] (RIBEIRO, 2019, p.14)

Como mostrado, para a Psicologia e a Neurociência, os sonhos são resultados de processamentos neurológicos que, ao juntarem as emoções com fragmentos de memórias, criam cenários ilusórios e narrativas surrealistas. Ao contrário de muitas culturas, os sonhos não têm significados místicos, mas são reflexos do nosso inconsciente, resultados de nossas vivências e emoções.

Se os antigos se deixavam guiar pelos sonhos, a intimidação dos contemporâneos com eles é bem menor. Quase todos sabem o que o sonho é, mas poucos se lembram dele ao acordar de manhã. O sonho em geral nos aparece como um filme de duração variável, muitas vezes de início indefinido, mas quase sempre levado até um final conclusivo. Numa definição preliminar, o sonho é um simulacro da realidade feito de fragmentos de memórias. (RIBEIRO, 2019, p.11)

A partir dessas narrativas subjetivas, podemos entender o que se passa em nossas mentes, como traumas e marcas inconscientes de eventos notáveis, mesmo que conscientemente não tenhamos uma noção real sobre isso. Sidarta Ribeiro apresenta, por exemplo, logo no início de sua obra um sinal claro do reflexo do cotidiano na mente de uma pessoa, descrevendo pesadelos de uma criança que sentia medos e traumas em relação a eventos de sua própria vida²⁷. Sua mente criava cenários surrealistas que, mesmo aparentando um grau de “aleatoriedade”, continham significados emocionais e psicológicos em cada figura e cena criada.

Não há um consenso em relação a religiões e a ciência sobre a temática dos sonhos, mas há um ponto de interseção que se mostra importante de ser ressaltado: independente se for de natureza mística ou apenas emocional, os sonhos são uma das formas que a mente humana tem de expressar e transmitir mensagens essenciais sobre nós mesmos e principalmente sobre o cotidiano de nossas vidas (nossas experiências passadas).

É nesse ponto que a obra de Lois Lowry surge. Após se tornar recebedor de memórias, a partir do capítulo nove, o protagonista Jonas recebe uma lista de regras novas a serem seguidas ao longo de sua vida, entre elas a impossibilidade de poder narrar seus sonhos para outras pessoas. Ao pensarmos no

²⁷ Referência ao primeiro capítulo do livro “O oráculo da noite: a história e ciência dos sonhos” (2019).

contexto vivido pelo protagonista, de um mundo em que as emoções são completamente sufocadas e as lembranças apagadas, o costume familiar de partilha de sonhos é mostrado como um modo de controle discreto, em que a partir de uma simples “tradição familiar matutina”, os membros de cada unidade familiar mostram o estado de seu interior, sinalizando possíveis desvios de conduta²⁸ ou mesmo o acesso a memórias proibidas²⁹. Este último motivo é explicado implicitamente capítulos depois, quando Jonas, tendo acesso já a várias memórias, passa a sonhar com imagens das memórias passadas pelo Doador, sendo estas imagens do protagonista sonhando com colinas de neve, referência à primeira memória recebida. A regra de não poder comunicar os sonhos para as pessoas também fazia parte de uma das várias formas de limitação do contato entre o passado e a comunidade.

De certa forma, quando pensamos em reflexos da realidade em nosso subconsciente após um evento marcante, e a sua relação com as imagens criadas pelo cérebro humano, podemos pensar justamente na influência das memórias subterrâneas na mente de uma pessoa. Os sonhos muitas vezes são exatamente essas expressões de memórias subterrâneas no consciente, uma forma do passado esquecido de “alcançar a luz do dia” e transmitir a mensagem necessária. Mesmo com o passar dos anos, o protagonista Jonas ainda poderia reviver partes de sua vida, ou vislumbres da vida das gerações anteriores, por conta de momentos de intensa sensibilidade, em que a mente traz a tona uma lembrança antiga a partir de gatilhos sensoriais/emocionais, como mostrado no capítulo 17, em que o protagonista relembra uma lembrança da guerra após ver outras crianças brincando de “gente do bem contra gente do mal” e que o próprio protagonista vê essa brincadeira antes inocente, como uma simulação de acontecimentos reais, no caso as guerras do passado. São as memórias internalizadas da destruição e caos dos conflitos armados que criou no protagonista um provável “atalho de memória”, gatilhos sensoriais/emocionais que o faziam lembrar de algo esquecido a partir de detalhes pontuais que o ligavam a determinada lembrança.

²⁸ Como descrito no trecho “Todos escutavam atentamente e discutiram com Lily o aviso que o sonho lhe dera (LOWRY, 2014, p.38)”, mostrando justamente a natureza sinalizadora dos sonhos de mostrar, por meio de imagens subjetivas, as preocupações e dúvidas internas dos membros. Como as emoções são constantemente anuladas nesse cenário, essa tradição de partilha também é uma forma de ver o quanto o controle dos Anciãos sobre os sentimentos tinha falhas ou não.

²⁹ No filme de 2014, é adicionado à história uma cena explícita do protagonista sonhando com uma memória antiga de um casamento, em que o mesmo se tornou figura participante, mostrando justamente a fala da neurocientista sobre os sonhos como misturas entre o real e o ficcional.

Esse fenômeno se denomina dependência de estado: a evocação das memórias de certo conteúdo emocional depende do estado hormonal e neuro-humoral e que estejam ocorrendo. Quanto mais esse estado se parecer com aquele em que memórias de índole familiar foram adquiridas, melhor será a evocação.(IZQUIERDO, 2010, p.46)

É devido a isso que sobreviventes do campo de concentração, como explicado por Michael Pollak, passam a conviver continuamente com desconfortos e momentos de pânico ao terem acesso a qualquer objeto ou símbolo que os lembre do período da guerra (como o som de aviões). Mesmo com esse fenômeno ocorrendo principalmente no estado desperto de uma pessoa, a evocação de memórias subterrâneas também surge durante a noite, mostrando que uma lembrança enraizada, mesmo que esquecida superficialmente, ainda vai influenciar no cotidiano de uma pessoa. Seja ela uma lembrança individual ou de natureza coletiva, as lembranças existem para sempre³⁰ e os sonhos continuamente podem ser utilizados como aberturas do inconsciente para acessar todas as memórias subterrâneas que são enterradas ao longo da nossa vida propositalmente ou não. É curioso que a palavra em alemão para sonho — Traum — se pareça tanto com trauma, que, em grego, com etimologia bem distinta, quer dizer ferida. Memórias são cicatrizes, e sua ativação durante o sono possui causa e significado.(RIBEIRO, 2019, p.36).

5.1.4 “Elas nos dão sabedoria.”

Finalizando as reflexões sobre o livro distópico e a seletividade da memória, entraremos agora em um dos principais pontos para entendermos essa relação: o papel do Doador de Memórias, tanto no livro quanto na vida real.

No livro, o peso dado a função de doador é ilustrado muito antes da aparição do Doador pessoalmente. Como falado em parágrafos anteriores, esse cargo é considerado um dos mais prestigiados e importantes dentro da comunidade, sendo que sua atuação apenas ocorre em momentos específicos e alarmantes. Com tão tamanha importância, até mesmo a forma de escolher o recebedor de memórias — que seria a função dada ao protagonista — é feita de forma diferente dos demais, justamente por não ser uma simples tarefa.

³⁰ Fala dita pelo Doador de Memórias no capítulo 18, página 149.

Jonas não foi indicado para uma atribuição, ele foi *escolhido*[...] A escolha deve ser estudada. A decisão do Comitê precisa ser unânime. Eles não podem ter dúvidas nem sombras de dúvidas. Se, durante o processo, um Ancião relata um sonho que relata incerteza, aquele sonho tem o poder de afastar instantaneamente aquele candidato.(LOWRY, 2014, p.64/65)

Ao longo da obra, a autora reforça o efeito explícito das memórias em todos os âmbitos sociais daquele universo, não é apenas um simples “banco de dados” para uso eventual na procura por conselhos e sugestões. O passado afeta diretamente a vivência de cada pessoa, e por conta disso o recebedor não pode ser escolhido de forma equivocada. Não são todos os anos que há a escolha de um recebedor de memórias, pois um erro pode acarretar em uma série de acontecimentos negativos para a comunidade, como o surgimento de um caos generalizado e a desorganização das estruturas sociais.

No momento que Jonas passa a interagir com o Doador, e assim com as lembranças das antigas gerações, o leitor passa a ter consciência de como esse cargo é usado pela comunidade como uma forma de controle e de fuga. A presença dele na vida cotidiana é permitida para que os Anciãos possam assim controlar o passado em benefício próprio, e assim utilizá-lo de acordo com o necessário, contudo também sua existência é ligada a constante escolha das próprias pessoas em quererem transferir e restringir o peso que a existência do passado traz para apenas uma pessoa, para assim não precisarem lidar com o fardo da dor (mesmo que não haja um real entendimento dessas pessoas sobre o que seria realmente lembrar, apenas há uma suposição baseada em poucos incidentes e no que é ensinado). Sem o Doador, todo sofrimento iria — supostamente — trazer as calamidades vividas anteriormente.

Tem razão – disse – Mas nesse caso seria pesado e doloroso para todos. Eles não querem isso. E é esta a verdadeira razão porque o Recebedor é tão vital para eles e tão reverenciado. Eles me escolheram, e escolheram você, para tirar deles esse fardo.(LOWRY, 2014, p.118)

Essa decisão de “fuga” é escolhida de forma proposital pelos Anciãos que, mesmo não podendo terem acesso direto a tudo relacionado às memórias, sabem plenamente de seu impacto em suas próprias vidas. Se conhecer o passado gera sabedoria e conhecimento para viver situações do presente, para o Comitê a ignorância da população é uma abertura para exercer seu poder sem

restrições — pois tudo é aceito — e para os moradores uma oportunidade de viver sem o fardo da responsabilidade de lembrar-se .

Até agora apresentei conceitos sobre memória, o esquecimento e como as lembranças impactam tanto o universo distópico de Jonas quanto nossa realidade, para que assim cheguemos agora no questionamento central deste trabalho: diante de todos esses debates, qual seria então o real sentido da existência da figura do Doador de Memórias e qual seria seu papel não apenas no livro, mas também na vida real. Lois Lowry criou em seu livro um personagem que, desde o princípio, atua ativamente em uma comunidade totalmente alheia ao mundo e que por isso é usado para direcionar sempre as pessoas para um futuro coeso e melhor, o Doador é uma figura de sabedoria e um meio crítico de trazer questionamento sobre o que é certo ou não, é um farol de liberdade no meio de um mundo controlador e impositivo, como também um “portal” para realidades³¹ não mais disponíveis e que mesmo assim, por meio dessa figura de autoridade, podem moldar pensamentos e ideias. Contudo, é também (e se pensarmos, de forma contraditória) o motivo de porque a comunidade de Jonas vive em constante estado de apatia e ignorância, todos da comunidade não podem agir de outro modo, eles não sabem de nada³². Isso se deve pelo motivo de que como ele é o único — além do protagonista — que pode armazenar todas essas lembranças e assim sofrer o efeito do contato (ver cores, sentir emoções humanas em sua totalidade), qualquer benefício que o restante da população teria ao também ter acesso, fica restrito apenas para uma pessoa. E muito além disso, é essa limitação que dá o poder aos Anciãos, o grupo que há tempos passou a ser os juízes e donos da vida de todos, de manipularem como o passado seria usado no presente/futuro, mantendo em si mesmos um poder quase que total e opinando sobre como seus cidadãos devem viver ou morrer. Ao mesmo tempo que o Doador tem muito a oferecer, ele também indiretamente impede as pessoas de livremente acessarem o conhecimento da forma correta.

Pensando em nossa realidade, esse papel de gerir a memória viva e acessar o passado para transmitir conhecimento e aprendizado para o futuro é comumente dado às instituições museológicas. E esse é o ponto, o Doador de Memórias e a figura do recebedor não mais são do que a representação dos

³¹ No sentido do cenários que existia

³² Fala dita pelo Doador durante uma conversa com Jonas sobre a comunidade, na página 158: “Eles não sabem de nada”.

museus. Para Ulpiano Bezerra de Meneses, o museu pode ser, sim, um farol, que mantém em circulação o que calha de nos passar despercebido em nosso cotidiano. Esse farol não faz o caminho por nós, mas ilumina aqueles caminhos que podemos percorrer (MENESES, 2018, p.15). Igual ao Doador de Memórias, ele não agia oficialmente na comunidade, mas ele era um fio condutor, mostrando os fatos e dando conhecimento para as autoridades decidirem o que fazer.

Entretanto, por ser esse “farol”, os museus acabam ganhando um sério peso de responsabilidade na condução da memória viva e em como ela será modelada em prol da sociedade. Se pensarmos que os museus são reflexos muitas vezes da realidade da humanidade, o processo de mudança dessas instituições na forma de tratar essas memórias seriam assim um primeiro passo para um processo lento e longo de mudança de pensamento na própria sociedade.

E justamente pelo fato de que na vida real já aconteceu dos museus serem usados constantemente³³ por autoridades para transmitir determinada mensagem e mostrarem fatos histórico segundo o desejo do Estado, há uma clara urgência atual de como esses centros de memória devem repensar suas narrativas, por muitas vezes estarem ainda contando pontos de vista que já não mais fazem sentido para a percepção do que formou o Brasil como conhecemos e do país que se quer ter no futuro, também impedindo que outras histórias possam ser finalmente contadas, sendo essas novas histórias muitas vezes possíveis meios para curar muitas dores que persistem até os dias atuais. Como explico por Paul Ricoeur,

O perdão acompanha o esquecimento activo, aquele que ligámos ao trabalho de luto, e é neste sentido que ele cura. Porque o perdão dirige-se não aos acontecimentos cujas marcas devem ser protegidas, mas à dívida cuja carga paralisa a memória e, por extensão, a capacidade de se projectar de forma criadora no porvir. E é toda a dialéctica do passado e do futuro que é resposta em movimento, o potente projecto no recurso imenso das promessas não realizadas pelo passado(RICOEUR,2008,p.7)

No livro, é pelo motivo de Jonas e o Doador terem acesso a uma diversidade de lembranças que dentro de si, eles conseguem ressignificar a dor sentida do passado cada vez que as revivem de uma forma diferente, e que mesmo tendo consciência do caos inicial que as pessoas terão ao também acessarem essas vivências (já que elas não sabem o que é a dor de verdade) é essa percepção do poder contido neles que os impulsionam a saírem da comunidade para libertarem as memórias definitivamente. Para que, pela primeira vez em milhares de anos, a

³³ Como ocorreu durante as duas grandes guerras mundiais ou até mesmo na Guerra Fria.

humanidade possa retornar à sua liberdade de escolha, seu direito de decidir lembrar (ou não) do passado.

Como é impossível, na vida real, essa capacidade sobre-humana de lembrar de absolutamente tudo e de conter em uma pessoa memórias de gerações, essa mudança de paradigma dos Museus reais e da forma como a memória viva é selecionada atua como um primeiro passo, um início significativo dos homens de transformarem as correntes das “dívidas” criadas pelas escolhas das gerações anteriores em meios de efetivamente influenciar o mundo atual a pensar e mudar pensamentos limitantes e distorcidos. Ao invés de lidar com o esquecimento e a seletividade da memória de modo a incentivar histórias que ainda afetam negativamente a visão das pessoas comuns e as prendem em uma eterna bolha de ignorância, a seletividade da memória deve ser usada para auxiliar no desenvolvimento de um senso crítico no interior de cada um, iluminando o caminho para a cura dos sofrimentos e problemáticas vividas por diversas culturas, inclusive da nossa.

Ao iniciar este trabalho, eu tinha como proposta principal responder ao questionamento: em que medida a seletividade da memória e o esquecimento ocorre na trajetória das práticas museológicas. Para isso, ao longo do texto me empenhei em alcançar dois objetivos específicos que me direcionaram para a resposta procurada, sendo eles conceituar o processo de seleção da memória e sua relação com o esquecimento e, posteriormente, associar o tema escolhido com aspectos da Museologia e dos Museus sobre a memória humana. O método utilizado para tanto foi, primeiramente, a leitura e análise da obra ficcional “O Doador de Memórias”, onde a partir de observações e anotações feitas das cenas (e aspectos) principais mostrados pela autora ao longo da obra, pude assim os correlacionar com as ideias propostas por vários estudiosos e profissionais de diversas áreas, em especial a Museologia.

O alcance da trajetória criada neste trabalho foi devido ao auxílio intelectual de (inúmeros) importantes nomes, como Chimamanda Ngozi Adichie (2019), Louis-Gabriel Ambrose (1864), a própria autora da obra Lois Lowry (2014), Miguel Angel de Barrenechea (2005), Marilena Chauí (2002), Laura Giordani (2016), Maurice Halbwachs (2006), Iván Izquierdo (2010), Ria Lemaire (2000), Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2018), Michael Pollak (1989), Marcos José Pinheiros (2004), Sidarta Ribeiro (2019), Paul Ricoeur (2008), George Santayana (1905), Mariângela Gentil Savoia (1989), Erico Monteiro da Silva (2021) e, por fim, Christina Queiroz (2023).

Falando agora sobre o processo de realização dos objetivos específicos citados anteriormente, para desenvolver a temática a partir da conceituação sobre a relação entre a memória humana e o esquecimento e a ligação com as práticas museais, houve a contextualização base sobre a história completa contada dentro do livro distópico da autora Lois Lowry, narrando os acontecimentos vividos pelo personagem Jonas, além da trajetória biográfica da própria autora, mostrando fatos de suas vida que influenciaram não apenas em todos os conceitos apresentados durante o livro, mas também sua relação indireta com as discussões futuras sobre a memória humana, como exemplo da memória narrada por Lowry de um debate sobre o nazismo e o processo de lembrar dos horrores do holocausto (e sua clara importância diante do peso que foi este evento para a trajetória do ser humano moderno).

Mesmo que não proposital, os fatos vividos pela autora e futuramente todo o universo criado dentro da obra, a partir de aspectos da própria vida, tornaram-se analogias alegóricas e reflexos da nossa própria realidade. Tudo isso foi devido a própria liberdade criativa presente nas estruturas literárias do livro, que possibilitaram visualizar, a partir de cenas e falas específicas, o cenário atual que os museus se encontram, onde mesmo com diante de tantas mudanças sociais, ainda se mantém as mesmas narrativas oficiais em detrimento a outras memórias coletivas que são silenciadas. O controle das memórias e do que deve ou não ser ocultado da sociedade, se torna um limitador social, impossibilitando as pessoas de terem acesso a fatos do passado com grande valor histórico e assim de criarem um senso crítico em relação às problemáticas da sociedade.

O ponto principal se apresenta não sendo então a simples questão de esquecer de algo ou lembrar, pois sendo o esquecimento importante para a abertura a novas memórias e a seleção de memórias um processo inevitável na construção das narrativas históricas (como já dito, é impossível lembrar de tudo), o que realmente exige atenção é a continuidade dos museus em sempre lembrar dos mesmos pontos e sempre deixar de lado o passado dos mesmos grupos sociais. As instituições, igual o doador, tem uma grande capacidade de instigar a humanidade a reflexão sobre vários fatores sociais que afetam direta ou indiretamente a vida cotidiana, por justamente terem o “poder” de acessarem o passado a partir das memórias presente nos patrimônios.

O que é mostrado nos museus — e como é mostrado — interfere de forma profunda na visão das pessoas sobre a vida em comunidade, e o mundo está mudando rapidamente. Se, semelhante ao livro, o conhecimento sobre fatos passados continuar sendo limitado e tendencioso para o mesmo padrão de pensamento, nunca haverá a abertura para uma evolução pessoal em cada um na forma crítica de se posicionar sobre os complexos problemas do mundo moderno (mesmo que o termo “problemas do mundo moderno” já não faz tanto sentido se pensarmos que muito das gerações anteriores ainda reflete em nossas vidas).

Como sequela, é inevitável não pensar em como esse tema requer uma ampla pesquisa muito mais aprofundada na área da Museologia, pois mesmo o passado não sendo um tópico recente, o cenário atual traz uma urgência maior para a atuação dos museus como faróis e guias diante de tantas adversidades. Esse

trabalho é apenas uma ínfima contribuição diante de um oceano de possibilidades críticas a serem discutidas.

Pesquisas e estudos voltados para como essa mudança interna poderá ser realizada na prática, já que não será tão fácil se distanciar da estrutura enraizada há tanto tempo nesses locais, iriam trazer um diferencial marcante, em conjunto com uma base teórica diversa. Os museus brasileiros contêm, em sua grande parte, uma grande bagagem de artefatos e acervos relacionados diretamente com o período colonial/imperial e tudo relacionado a ele, incluindo artefatos portugueses e objetos que remetessem àquela época.

Por ser o primeiro período histórico na formação do país, uma das possíveis formas de iniciar esse processo de mudança a longo prazo seria justamente do foco das instituições museológicas em todas as formas que esse período da história foi abordado, gerando até mesmo pesquisas que levantam dados de como o período colonial está sendo narrado nos museus em todo território brasileiro. Mesmo que não seja um processo fácil nem rápido, já que para uma melhora significativa no cenário dos museus e consequentemente na influência desses locais na sociedade, este trabalho expõe o quanto a consciência da urgência por mudanças já é uma “faísca” significativa para a concretização de um futuro melhor.

A Museologia engloba em sua trajetória muitos momentos fundamentais para a formação das instituições museológicas modernas, como a Mesa de Santiago do Chile (1972), uma de numerosas Conferências que seriam posteriormente precedidas pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM). O evento foi, para a trajetória dos museus (em especial para os museus da América-latina), um instante marcante onde ideias novas foram introduzidas em grande escala em todo cenário Museológico, e não coincidentemente, as temáticas abordadas durante sua realização — também em outras que ocorreram em períodos próximos e que também tem valor histórico, como a Conferência de Estocolmo (1992) — trazem em seu cerne todo esse debate sobre o novo papel dos museus nos novos tempos atuais.

Os problemas envolvidos pelo progresso das sociedades no mundo contemporâneo devem ser pensados globalmente e resolvidos em seus múltiplos aspectos; que eles não podem ser

resolvidos por uma única ciência ou por uma única disciplina; que a escolha das melhores soluções a serem adotadas, e sua aplicação, não devem ser apanágio de um grupo social, mas exigem ampla e consciente participação e pleno engajamento de todos os setores da sociedade[...] O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.(MESA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972, p.200)

Se gradativamente ideias ligadas a essas intervenções a que debatemos são introduzidas de forma semelhante às Conferências do ICOM, um futuro cenário onde a atuação museológica terá ganhado um novo peso significativo na mudança de comportamento do ser humano se tornará, pouco a pouco, cada vez mais real.

7

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Texto “**O perigo de uma história única**”. São Paulo. Companhia das Letras, 2019. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em: 15 de nov.2023.

AMBROSE, Louis-Gabriel. **Oeuvres Complètes de M. de Bonald**. 3ª Edição. Editor Par M. L'Abbé Migne. 1864. p.496. Disponível em: <https://archive.org/details/oeuvrescompletes03bona/page/n495/mode/2up>. Acesso em: 03 de out.2023

AUTORES-LOIS LOWRY. Site **Editora Arqueiro**. Disponível em: <https://www.editoraarqueiro.com.br/autores/lois-lowry>. Acesso em: 22 de set.2023

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Texto "Nietzsche e a genealogia da memória social". Obra **"O que é memória social?"**. 2005. Contra capa livraria Ltda., p.61. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_24.pdf. Acesso em: 01 de mar.2024.

BEST-SELLING BOOK. Site **Guinness World Records**. 2021. Disponível em: <https://www.guinnessworldrecords.com.br/world-records/best-selling-book-of-non-fiction>. Acesso em: 21 de nov.2023

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo. Companhia das letras.2002. p.256-6. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5403869/mod_resource/content/1/CHAU%C3%8D%2C%20M.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Hist%C3%B3ria%20da%20Filosofia.%20Volume%201%20Dos%20pr%C3%A9-socr%C3%A1ticos%20a%20Arist%C3%B3teles.%20S%C3%A3o%20Paulo%2C%20Cia%20das%20Letras%2C%202002..pdf . Acesso em: 01 de mar.2024.

LOIS LOWRY. Site **Lois Lowry**. Disponível em: <https://loislowry.com/>. Acesso em: 22 de set.2023

GIORDANI, Laura. Artigo **O Grito Do Ipiranga: A Independência Do Brasil Das Galerias Aos Quadrinhos**. 2016. XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS. Disponível: https://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1472695922_ARQUIVO_OGRITODOIPIRANGA-LauraGiordani.pdf. Acesso em: 12 de dez.2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 28 de jun.2024.

IGNORÂNCIA. DICIO- Dicionário Online de Portugues. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ignorancia/>. Acesso em: 15 de nov.2023.

IZQUIERDO, Iván. Livro “A arte de esquecer- cérebro e memória”. Editora **Vieira e Lent**. 2ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro. 2010.

VOL II-REVISTA MUSEUM 1973. **Instituto Nacional de Museus**. Volume 2.1 edição. 2012. Disponível

em: <https://www.museoschile.gob.cl/sites/www.museoschile.gob.cl/files/2022-04/REVISTA%20MUSEOS%201973.%20VOL.%202.pdf>. Acesso em: 23 de abr. 2024.

LEMAIRE, Ria. Texto “O mundo feito de papel”. Obra “Pelas Margens- outros caminhos da história e da literatura”. **Editora da Universidade**. 2000. p.10-13. Disponível em:

file:///C:/Users/isabe/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/TCC/textos/PelasMargens-%20texto%20edgar%20salvador%20de%20decca.pdf. Acesso em: 23 de out. 2023.

LOWRY, Lois. Livro “O doador de memórias”. Editora **Arqueiro**. 2ª edição, v.1. 2014.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Artigo “Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática”. **Encontro Paulista de Museus – Memorial da América Latina**. 2018. Disponível

em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Ulpiano-Bezerra-de-Meneses.pdf>. Acesso em: 11 de out. 2023.

MUSEU DA INCONFIDÊNCIA: CONHEÇA SUA HISTÓRIA, ARQUITETURA E MAIS!. Site **Vivadecora**. 2022. Disponível em :

<https://www.vivadecora.com.br/pro/museu-da-inconfidencia/>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

ORWELL, George. Texto “As I please, 1943-1945”. Volume 3. 1968. P.88. Disponível em: <https://archive.org/details/asiplease19431940003unse/page/88/mode/2up?q=history>. Acesso em: 11 de out. 2023.

POLÍTICA DE AQUISIÇÃO E DESCARTE DE ACERVOS DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA - MHSC. **Fundação Catarinense De Cultura Florianópolis (FCC)**. Santa Catarina. 2015. Disponível em:

file:///C:/Users/isabelly.lourenco/Downloads/Politica_de_Aquisicao_e_Descartes_do_MHSC.pdf. Acesso em: 28 de Jun. 2024.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio

de Janeiro, volume 2, nº3, 1989. Disponível em:
https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf.
 Acesso em: 28 de nov.2023.

PINHEIRO, Marcos José. Texto “Museu, memória e esquecimento- um projeto de modernidade”. Coleção **Engenho e Arte**. volume 7. 2004. Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Sidarta. Livro “O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho”. São Paulo. **Companhia das Letras**. 2019. Disponível em:
https://archive.org/details/o-oraculo-da-noite-sidarta-ribeiro/O_Or%C3%A1culo_da_Noite_A_Hist%C3%B3ria_e_a_Ci%C3%Aancia_do_Sono_Sidarta_Ribeiro/page/n279/mode/2up?q=simula%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 22 de nov.2023.

RICOEUR, Paul. Livro “A memória, a história, o esquecimento”. Capítulo O esquecimento de recordação: uso e abusos. 2008. Disponível em:
https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf .
 Acesso em: 28 de Jun.2024.

RICOEUR, Paul. Texto “O perdão pode curar?”. **LusoSofia**. 1996. Disponível em:
<https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2011/08/o-perdc3a3o-pode-curar.pdf>. Acesso em: 28 de Jun.2024.

SANTAYANA, George. livro “The life of reason: The Phases of Human Progress” .1905.P.92. Disponível:
[https://mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Santayana/The%20life%20of%20Reason%20\(complete\).pdf](https://mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Santayana/The%20life%20of%20Reason%20(complete).pdf).
 Acesso em: 16 de out.2023

SAVOIA, Mariângela Gentil. Texto “Psicologia social”. São Paulo, 1989.

SILVA, Erico Monteiro da. A LITERATURA DISTÓPICA E A SUA OBSCURA UTOPIA. Revista **Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 12, p. 1375–1393, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i12.3580. Disponível em:
<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3580>. Acesso em: 18 set. 2023.

SOBRE O MUSEU-MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. Site **Museu da Inconfidência**. Disponível em: <https://museudainconfidencia.museus.gov.br/sobre-o-museu/>. Acesso em: 20 de fev.2024.

QUEIROZ, Christina. Texto “Como sonham os povos ameríndios”. **Pesquisa Fapesb**. 2023. Ed.323. Disponível em:

https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2023/01/084-087_sonhos-yanomami_323-1.pdf. Acesso em: 22 de nov.2023.